

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES, CULTURA E LINGUAGENS

ADRIANA ANDRADE ALVES

CORPOEXPERIÊNCIA:
CARTOGRAFIAS, DOBRAS E DESCONTINUIDADES

Juiz de Fora
2021

Adriana Andrade Alves

CORPOEXPERIÊNCIA:

CARTOGRAFIAS, DOBRAS E DESCONTINUIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Teorias e Processos Poéticos Interdisciplinares. Linha de Pesquisa: Estudos Interartes e Música.

Orientador: Dr. Fabrício da Silva Teixeira Carvalho

Juiz de Fora
2021

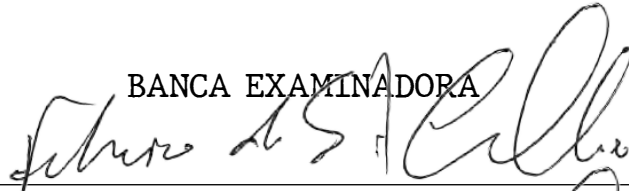
Adriana Andrade Alves

CORPOEXPERIÊNCIA: CARTOGRAFIAS, DOBRAS E DESCONTINUIDADES

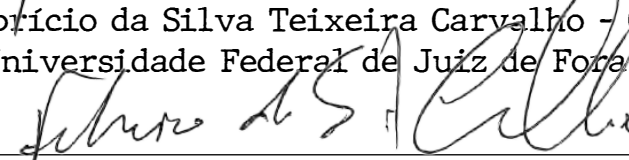
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Teorias e Processos Poéticos Interdisciplinares. Linha de Pesquisa: Estudos Interartes e Música.

Aprovada em 12 de abril de 2021.

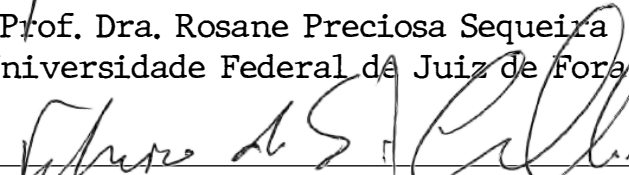
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fabrício da Silva Teixeira Carvalho - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dra. Rosane Preciosa Sequeira
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dra. Adrianne Ogêda Guedes
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

ALVES, ADRIANA ANDRADE.
CORPOEXPERIÊNCIA : CARTOGRAFIAS, DOBRAS E
DESCONTINUIDADES / ADRIANA ANDRADE ALVES. -- 2021.
89 f. : il.

Orientador: FABRÍCIO DA SILVA TEIXEIRA CARVALHO
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz
de Fora, Instituto de Artes e Design. Programa de Pós-Graduação
em Artes, Cultura e Linguagens, 2021.

1. CORPO. 2. CARTOGRAFIA. 3. POÉTICA. 4. MOVIMENTO. 5.
DANÇA. I. CARVALHO, FABRÍCIO DA SILVA TEIXEIRA, orient. II.
Título.

AGRADECIMENTOS

Ao navegante do meu barco movendo ondas para que a
pesquisa pudesse se desacomodar,
Fabricio.

A poetisa das falas que me sacudiram e me fizeram
olhar de outra forma para as palavras,
Rosane.

Ao corpo movente que tanto se esparrama e me
provoca a sair do lugar,
Adrianne.

A viajante de todas as artes, que me acolheu em
terras Portuguesas e, com a Universidade do Porto,
fez minha pesquisa voar sobre outros céus,
Paula.

Aos musicistas que alargaram minhas camadas e
caminharam comigo pelo limbo do pesquisar,
Charles, Lucas e Jéssica.

Ao meu par, companheiro de jornada, pela escuta
sensível e leituras incansáveis de minhas escritas,
Pedro.

As mulheres da minha vida que dia a dia me ensinam
tanto sobre esse habitar o mundo,
Helena, Dinorah, Gabriella e Eduarda.

Ao espaço que trilho minha jornada docente com
luta, insistência e resistência, Colégio de Aplicação
da UFRJ, ao lado de trocas e acolhidas da equipe do
Setor de Orientação Educacional,
Adriana, Edson, Glaucia, Heloisa, Karla e Sandra.

A terra fértil que acolheu minha pesquisa, Instituto
de Artes e Design da UFJF, através de pessoas
primordiais,
Maria Claudia, Flaviana e Lara.

Aos *corposexperiência* que se abriram a tessitura de
minhas experimentações e me nutriram de afetos e
partilhas,
Elisa, Gustavo, Guilherme, Marcela, Thais, Thaiz,
Thiago, Wallace, Elia, Javi, Jesus, Karina, Letícia,
Lucia, Rocío, Sonata, Beatriz, Felipe, Karla, Leonor,
Maria João.

Escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém, provavelmente a minha. [...] Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. [...] Para escrever tenho que me colocar no vazio [...] com o inesperado. [...] Escrevo como escrevo sem saber como e por quê. [...] Escrevo para aprender, [...] cada anotação é escrita no presente, [...] o instante já é feito de fragmentos [...] é de repente. [...] Escrever é sem aviso prévio [...] e eu como escritor espalho sementes [do] que me provoca e me inspira. [...] Ao escrever, [...] sou as palavras propriamente ditas.

(Fragmentos de "Um sopro de vida" de Clarice Lispector)

RESUMO

Corpoexperiência é um percurso de estados de experiência construído a partir de corpos como lugares de passagem. Permeados por proposições da linguagem da dança, experimentam o espaço, o outro e a si em oficinas, denominadas de ateliê de experimentação corporal. As ações propositivas marcam o corpo como lugar de descontinuidades capazes de produzir outras narrativas constituídas de palavras, textos, imagens e registros gráficos. Na tessitura coletiva, esses corpos criam modulações nos espaços percorridos, atravessando linhas de fuga que se desenham em diários que acompanham toda trajetória. O corpo pesquisador cartógrafo percorre contornos e linhas, acompanha percursos e transita entre perspectivas, tecendo composições de escritas e mapas como paisagens que reconstroem elementos no espaço. Em lâminas soltas, são costuradas e dissolvidas as linhas CORPO, GESTO, MOVIMENTO e POÉTICA, que inauguram escritas tidas como experiências de escrita. Escritas também tidas como experiências de leitura, perpassam os movimentos de indefinição desse corpo categorizado e capturado, que estabelece diálogos com outros corpos, outras escritas, autores e artistas, e inauguram estados capazes de produzir espaços de desobediência e liberdade, devolvendo ao corpo à situação poética. O leitor é convidado a traçar seu próprio caminhar, habitando a escrita da maneira que desejar.

Palavras-chave: CORPO. CARTOGRAFIA. POÉTICA. MOVIMENTO. DANÇA.

ABSTRACT

Corpoexperiência is a journey of states of experience built from bodies as places of passage. Permeated by propositions of the language of dance, they experience the space, the other and themselves in workshops, called the body experimentation studio. Propositional actions mark the body as a place of discontinuities capable of producing other narratives consisting of words, texts, images and graphic records. In the collective fabric, these bodies create modulations in the spaces covered, crossing lines of flight that are drawn in diaries that accompany the entire trajectory. The cartographic researcher traverses contours and lines, follows paths and transitions between perspectives, weaving compositions of writings and maps as landscapes that reconstruct elements in space. On loose sheets, the BODY, GESTURE, MOVEMENT and POETIC lines are sewn and dissolved, which inaugurate writings considered as writing experiences. Writings also seen as reading experiences, permeate the movements of indefinition of this categorized and captured body, which establishes dialogues with other bodies, other writings, authors and artists, and inaugurate states capable of producing spaces of disobedience and freedom, giving back to the body its poetical situation. Readers are invited to trace their own path, inhabiting the writing any way they wish.

Keywords: BODY. CARTOGRAPHY. POETIC. MOVEMENT. DANCE.

RESUMÉN

Corpoexperiência es un viaje de estados de experiencia construido a partir de cuerpos como lugares de paso. Impregnados de proposiciones del lenguaje de la danza, experimentan el espacio, los otros y ellos mismos, a través de talleres, denominados estudios de experimentación corporal. Las acciones intencionadas marcan el cuerpo como un lugar de discontinuidades capaces de producir otras narrativas formadas por palabras, textos, imágenes y registros gráficos. En el tejido colectivo, estos cuerpos crean modulaciones en los espacios recorridos, cruzando líneas de vuelo que se dibujan em cuadernos a modo de diarios que acompañan toda la trayectoria. El investigador cartográfico recorre contornos y líneas, recorre caminos y tránsitos entre perspectivas, tejiendo composiciones de escritos y mapas como paisajes que reconstruyen elementos en el espacio. Sobre hojas sueltas se cosen y disuelven las líneas CUERPO, GESTO, MOVIMIENTO y POÉTICA, que inauguran escritos considerados como experiencias de escritura. Escritos también considerados experiencias de lectura, impregnan los movimientos de indefinición de este cuerpo categorizado y capturado, que establece diálogos con otros cuerpos, otros escritos, autores y artistas, e inaugura estados capaces de producir espacios de desobediencia y libertad, devolviendo el cuerpo a la situación poética. Se invita al lector a trazar su propio caminhar, pasando por la escritura de la forma que desee.

Palabras clave: CUERPO. CARTOGRAFÍA. POÉTICA. MOVIMIENTO. DANZA.

Percurso não linear,

sem partida,

sem chegada...

... pelo meio,

ENTRE.

INAUGURAR

Inauguro este instante pelo contorno espiralado do corpo. De uma sensação que vai dos dedos dos pés até o topo da cabeça. Como um fio que o percorre e acolhe sua respiração em um esparramar-se em si mesmo. Fio esse que o convida a atravessar camadas e expandir-se no espaço, em trânsito e tessitura que o convocam a mergulhar em territórios outros não habitados. Em desassossegos que deixam rastros e criam lugares de passagem. Esse percurso que você testemunha constitui-se em experiência do ato de pesquisar. Uma andarilhagem por onde a pesquisa e por onde eu, corpo-artista-professora-pesquisadora, fui espalhando meu corpo pelo entre de encontros, partilhas e atravessamentos. Um movimento de me esvaziar para receber, esbarrando, devorando, roubando e me apropriando de traços, falas, escritas e imagens. Plantei uma semente gentilmente acolhida por tantos corpos que a foram nutrindo, alargando e fertilizando o campo da pesquisa. Cultivando as raízes, brota-se o ateliê de experimentação corporal "Poéticas Centradas no Corpo", que como espaço propositivo de ações e investigações de si, construiu lugares de experiência que inauguraram vivências do corpo na coletividade permeados pelos estudos e fundamentos da dança. As oficinas acolheram três grupos distintos de estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade do Porto (Portugal) e estudantes Erasmus residentes na cidade do Porto. Corpos sem vínculos e experiências prévias com atividades formativos do corpo e do movimento. A caminhada moveu investigações de escuta do próprio corpo e do corpo do outro, rompendo fronteiras e categorizações socialmente imbuídas que o afastam da situação poética. Reinaugurando estados de presença, produziram deslocamentos ressoando em Performances que invadiram outros corpos ampliando suas corporeidades. Sobrecorpos, Better Day e

Olhos no Olhos expandem o ateliê plantando novas sementes e deixando rastros de passagem. Meu corpo cartógrafo acompanha os percursos, flutua, acolhe e dissolve o que dura em mim enquanto habito, partilho e percorro trajetórias e perspectivas sem o desejo de nelas permanecer. Caminho pelas experiências traçando linhas e esboçando palavras. Dos diários nascem os fragmentos, registrados por cada um dos *corposexperiência*, que vão compondo o processo e carimbando as marcas que ficam em cada corpo. Cartografando e me movendo por entre os diários e meus escritos fragmentados, reconstruo esses elementos no espaço e crio paisagens traduzidas em outras superfícies. Os mapas, como territórios móveis, permitem criar uma legenda própria. São tentativas vindas da impossibilidade de escrever certas coisas na linearidade. A escrita com a qual você se depara é composta de experimentações de escrita. Os textos derivam das ações realizadas, mas não se constituem como tentativas de retratá-las. São desejos de transitar no entre, em que tudo se atravessa o tempo inteiro. Parte de um lugar comum que gera repetições. Repetições essas que nunca são as mesmas. Proponho a escrita como experiência de leitura, que ensaia e experimenta múltiplas grafias do corpo no espaço transpondo e produzindo novas paisagens. Os verbetes que você encontra, são palavras coletadas nos materiais produzidos pelos *corposexperiência*. Em lâminas soltas, marca a escolha de contemplar a escrita em fragmentos que nasce junto com o transcorrer da pesquisa. De um corpo-artista-professora-pesquisadora que precisou desnudar-se para colher e costurar escritas que, nas palavras de Clarice Lispector, já devem estar de algum modo escrito em mim. Que a caminhada pelas paisagens, mapas, vídeos, textos e imagens possam provocar em você dobras e descontinuidades.

HABITAR

O que se pretende nesta pesquisa é mapear lugares de passagem percorridos pelos corpos em seus processos relacionais. Linhas de fuga que se desenham e criam modulações no espaço, diluídas em fragmentos. Permeiam a linha CORPO, que perpassa movimentos de indefinição desse corpo, que o tornam categorizado, reprimido e capturado pelas máquinas do Estado. Corpo institucionalizado e constituído pelo poder exercido sobre ele e pelo modo como exerce poder sobre os outros, traduzido em violência e representação de gestos e palavras. Ideia de corpo como construção social, engendrada por dimensões éticas, estéticas e políticas. Na tentativa de borrar esses limites do corpo, a linha GESTO estabelece diálogos capazes de devolver ao corpo à situação poética nas relações que estabelece. Um movimento de sair dos sistemas dominantes e produzir espaços de desobediência e liberdade. É marcado por encontros que o corpo se depara ao longo da pesquisa,

sejam escritas, autores e processos artísticos, que contribuem na produção de intensidades de estados de experiência. Experimentações com o ser/estar que na linha MOVIMENTO, traduzem processos e ações propositivas que marcam o corpo como produção de saberes e lugar de atravessamentos, categorizados como um entre-lugar, lugar de intervalo e lugar de descontinuidades. Narrativas produzidas por diferentes corpos constituídas de palavras, textos, imagens, vídeos e registros gráficos, que se desdobram na linha POÉTICA através da construção de novas paisagens. Paisagens essas traduzidas em outras superfícies que reconstroem elementos no espaço, como uma instalação que cria e habita territórios. Ao longo do percurso o leitor se depara com um conjunto de múltiplas instruções que indicam pausas na leitura, respiros e formas outras de se relacionar com as escritas. Que elas possam reverberar em novas formas de habitar seu próprio corpo.

O homem é um vivente com palavra [...] está tecido de palavras [ao] eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras [dá] sentido ao que [é], ao que acontece [nomeando] ao que [vê] ou ao que [sentel], e o como [vê] ou [sentel] o que nomeia.

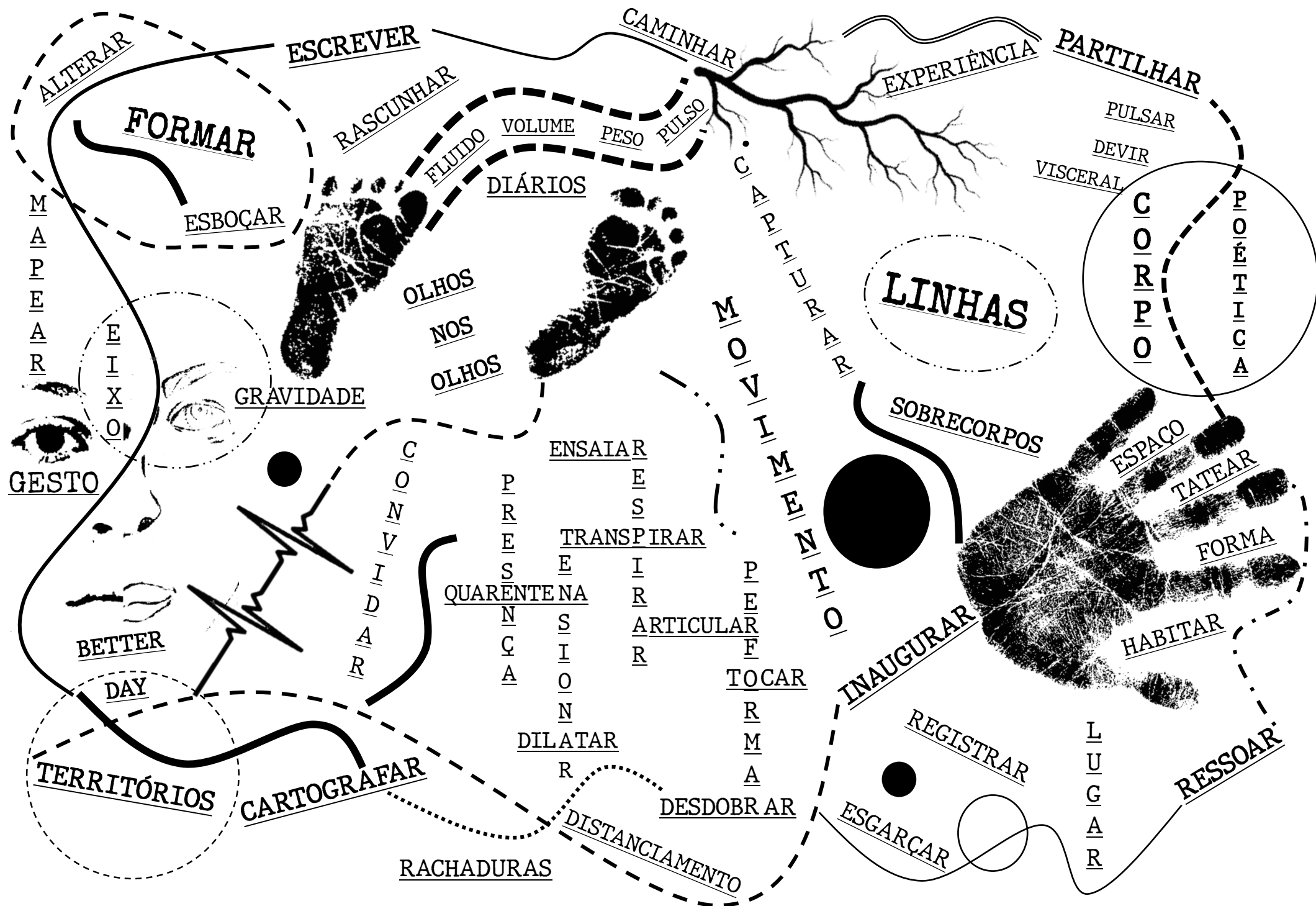
(LARROSA, 2002: 21)

CONVIDAR ¹

Convido o leitor a degustar o que vê, não pelo o que está visível, mas pelas sensações que as palavras despertam no seu corpo. As palavras são estados que inauguram instantes. São elas que conduzem a pulsação do ritmo oscilando entre intensidades. As palavras têm peso. Elas nos convocam. E as palavras que seguem são convites à uma leitura que se move junto com o movimento de correr cada folha. Convido a

experienciar a leitura da forma que lhe convier, pois cada página é como uma lâmina solta que não precisa obedecer à ordem a que está disposta. O fluxo que corre pelas páginas é um dos arranjos possíveis que costura as linhas desse percurso, mas você pode percorrer os traçados e criar a trajetória da maneira que desejar.

¹ O mapa que segue é um percurso móvel. Ao eleger a palavra basta clicar nela que você será direcionado para a lâmina correspondente. A cada escolha, seu ponto de partida será outro. Você pode seguir o percurso a partir da palavra escolhida ou retornar ao mapa clicando no título da lâmina. Se preferir, pode seguir a ordem que está proposta ao longo das páginas. Alguns verbetes possuem áudio, recomenda-se abrir o documento pelo Adobe para o correto funcionamento.



O mais esquecido de todos os estranhos é o nosso corpo, o nosso próprio corpo.

(WALTER BENJAMIN)

<u>coopr.</u>	<u>ocopr.</u>	<u>opcor.</u>	<u>pcoor.</u>	<u>rcoop.</u>
<u>coorp.</u>	<u>ocorp.</u>	<u>opcro.</u>	<u>pcoro.</u>	<u>rcopo.</u>
<u>copor.</u>	<u>ocpor.</u>	<u>opocr.</u>	<u>pcroo.</u>	<u>rcpoo.</u>
<u>copro.</u>	<u>ocpro.</u>	<u>oporc.</u>	<u>pocor.</u>	<u>rocop.</u>
<u>corop.</u>	<u>ocrop.</u>	<u>oprco.</u>	<u>pocro.</u>	<u>rocpo.</u>
<u>corpo.</u>	<u>ocrpo.</u>	<u>oproc.</u>	<u>poocr.</u>	<u>roocp.</u>
<u>cpoor.</u>	<u>oocpr.</u>	<u>orcop.</u>	<u>poorc.</u>	<u>roopc.</u>
<u>cporo.</u>	<u>oocrp.</u>	<u>orcpo.</u>	<u>porco.</u>	<u>ropco.</u>
<u>cproo.</u>	<u>oopcr.</u>	<u>orocp.</u>	<u>poroc.</u>	<u>ropoc.</u>
<u>croop.</u>	<u>ooprc.</u>	<u>oropc.</u>	<u>prcoo.</u>	<u>rpcoo.</u>
<u>cropo.</u>	<u>oorcp.</u>	<u>orpc o.</u>	<u>proco.</u>	<u>rpoco.</u>
<u>crpoo.</u>	<u>oorpc.</u>	<u>orpoc.</u>	<u>prooc.</u>	<u>rpooc.</u>

Corpo adestrado. Corpo silenciado. Corpo formatado. Corpo controlado. Corpo tolhido. Corpo censurado. Corpo fragmentado. Corpo atado. Corpo sufocado. Corpo contido. Corpo esgotado. Corpo acomodado. Corpo obediente. Corpo apto. Corpo alterado. Corpo enclausurado. Corpo calado. Corpo condicionado. Corpo canonizado. Corpo incorporado. Corpo objetivado. Corpo tatuado. Corpo dominado. Corpo inerte. Corpo moldado. Corpo forjado. Corpo reproduzido. Corpo ordenado. Corpo induzido. Corpo sujeitado. Corpo encarnado. Corpo não. Corpo produzido. Corpo estruturado. Corpo permanente. Corpo estigmatizado. Corpo conduzido. Corpo derivado. Corpo comportado. Corpo enrijecido. Corpo parcializado. Corpo capturado. Corpo reprimido. Corpo regulado. Corpo fabricado. Corpo reservado. Corpo ironizado. Corpo resguardado. Corpo humilhado. Corpo moldado. Corpo racionalizado. Corpo monotonizado. Corpo aprisionado. Corpo organizado. Corpo esmagado. Corpo mecanizado. Corpo sustentado. Corpo demarcado. Corpo ajustado. Corpo devorado. Corpo sim. Corpo

CORPO DEVIR ²

Disparar desdobramentos,
Corporificar narratividades e conferir existência
Enunciar-se em sua própria produção
Em um mapa de linhas de fuga
Que insistem em tensionamentos e desterritorializam o gesto
Onde os afetos ganham cor, cheiro, sabor
Deformam e rasgam corpos fechados
Produzindo fraturas no corpo, microfraturas
E fazem mexer a forma, vibrar os contornos
E questionar o valor dos valores
Sacrifício da trajetória no gesto torcido
Que torce saberes, corpos e lugares
Devires que invadem e enlouquecem a forma

Para suportar a turbulência
Devir é preciso!
Olhares que interrogam
Hibridizando esse corpo disparador
Que desventura algo que passa
Entrecruzando limites e
Bifurcando o endurecimento da forma de si
Que parcializam experiências
Enrijecendo o que se sabe e traçando o que se deve
Movendo o elo territorial da experiência
Que é fôlego das inclusões desse porCOR
Nesse corpo devir.

² ALVES, Adriana A. Corpo devir. Revista Letras Raras, [S.l.], v. 9, n. 1, mar. 2020. p. 222-223.

TENSIONAR

No início, tinha uma tensão. Como o corpo quer se expressar?
Porque a bacia é mais rígida? O que o corpo faz p/ se manter equilibrado?
Corpo pensamente, plasticidade
Ressignificada. Desconstruir ou construir marcas
e impressões, dessexualizar o toque e
dançar automatismos e tensões. Olhar p/ si
VER, CONFIAR e Autorizar proximidades de si.

CORPO VISCERAL ³

Dar-se a si mesmo
Rastros de percepções
Pelas veias que correm
No ritmo vital de sons modulados
Corrente de tensões
Que fazem escapar os poros desnudos
Parar os espasmos em lapso de segundos
E aspirar-se com sossego
Engolir os excessos e desdobrar as formas
Para redescobrir as raízes retorcidas
Debruçar-se em fusão de polaridades
Da carcaça de ossos do corpo inerte
Contradizer a lógica
Cavar a permanência
Os vazios em desordem

Preenchidos do tremor e do grito que escapam
Por dobradiças invisíveis
Que penetram o ar das válvulas
E abrem passagens para expelir o tédio
Fundir voltas e revoltas
Triturar gestos ramificados
Deglutir o ato em fluxos e refluxos
Debruçar-se sobre o silêncio
Passear pelos relevos do compasso
E costurar cicatrizes pelo avesso
Habitar o abrigo poético que anula e renasce
E se deixar folhear em lâminas soltas
Para evadir e desnudar os cheios e vazios
Da fúria e frenesi do corpo
Do corpo visceral.

³ Inspirado em Breviário sobre o corpo de Lygia Clark (2008).

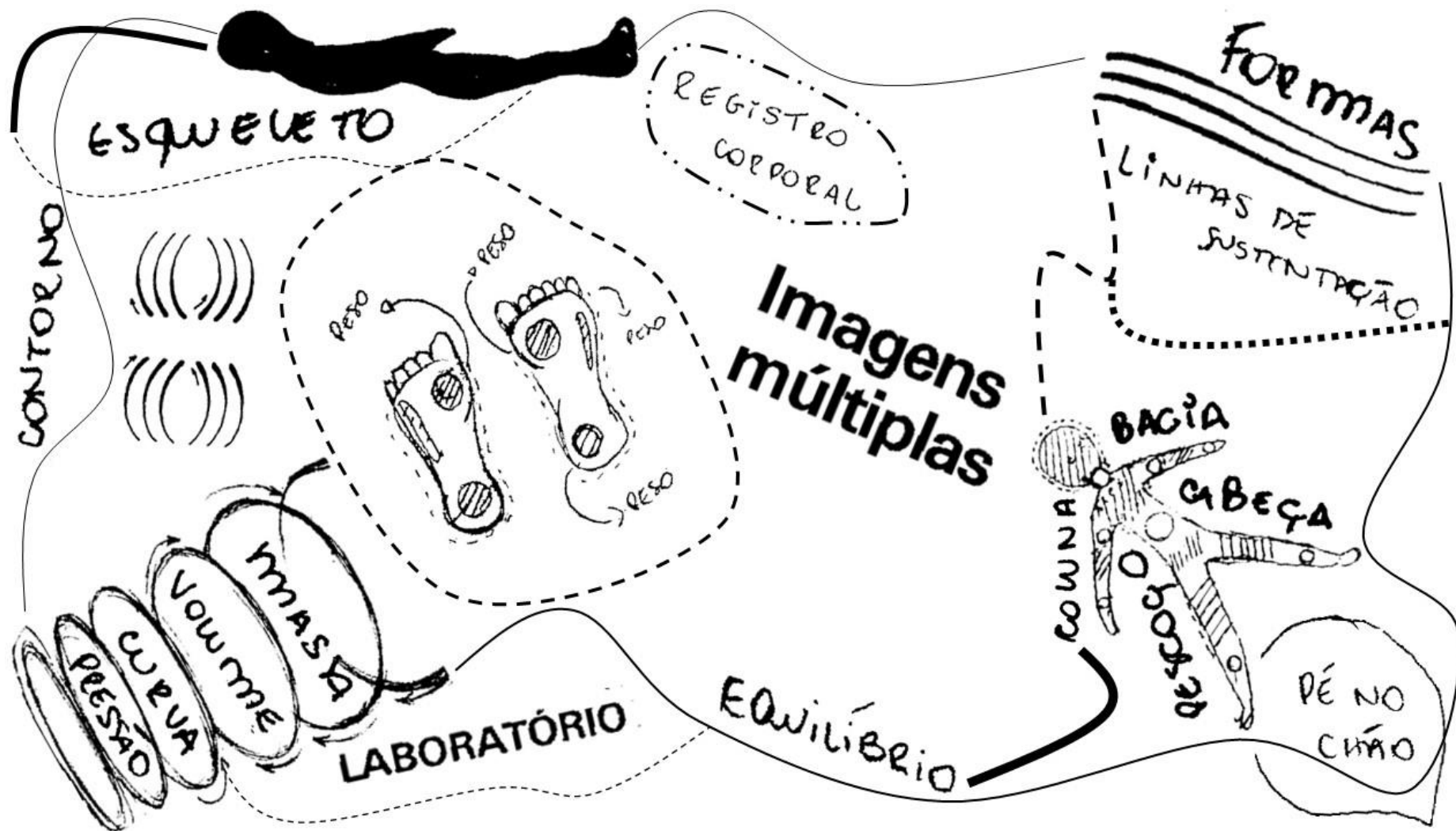
Se automatizamos nosso corpo a uma linguagem que não comunica, a uma fala que pronuncia a voz de outro [...] se nos deixamos induzir por imagens que se desfazem e se nos submetemos a ações repetitivas e automatizadas em um espaço de desencontros e desencaixes [...] então, inevitavelmente, todos os nossos movimentos caem em um sistema-dinâmica em que continuamente somos despovoados deste mundo.

(ARAUJO, 2007: 74)

VOLUME

Estar no mundo ou estar no corpo? Estar no corpo e sentir cada articulação, sentir o peso, sentir a pele, sentir os ossos, sentir seus fluxos. Sensação de formigamento correndo pelas partes que emanam a ativação de ambientes inertes. Chama que invade os espaços, abrindo possibilidades de habitar os volumes e massas e percorrer suas linhas de sustentação. Equilíbrio ou compensação? Pontos de pressão que formam registros moduláveis de contornos e formas. Imagens múltiplas que criam estados de percepção em tentativas de expressar os ritmos naturais conexos e desconexos. Reações ao desconhecido que traduzem os medos e receios de olhares e constrangimentos de um corpo em exposição. Corpo intimidado por convenções e

confinado em seus próprios padrões. Completamente longe do eu, das suas raízes, da sua espontaneidade. O corpo reclama. O corpo é desconhecido. O corpo quer confiar no movimento do outro e expandir o compartilhamento das experiências. Dar vida as suas próprias formas. O convite aquece o desejo da entrega, mas se amedronta frente as expressões encarnadas na face. Fechar os olhos e entregar-se ao intrigante que é o relacionar-se com outros corpos. Sentir sem ver onde está. Truques do imaginário. É perceber o espaço com o corpo, ou o corpo com o espaço? Registros da circularidade e da sinuosidade que formam as curvas da coluna, pescoço, bacia, cabeça. Os pés permanecem e saem do chão. O esqueleto é revirado ao avesso.



Uma pausa.
O corpo precisa acordar.

RESPIRAR

Respire. Respire profundamente. Inspire e sinta o ar que entra e ocupa cada espaço do seu corpo. Expire e sinta o ar esvaziar. Perceba qual parte do seu corpo expande ao inspirar, sua caixa torácica, suas costelas ou seu abdômen? Repita a inspiração e expiração e registre mentalmente essa imagem. Tente não modificar. Apenas acolha o movimento natural produzido pelo seu corpo. Repita o ciclo mais três vezes, porém a cada ciclo toque em uma parte diferente: primeiro a caixa torácica, depois as costelas e por último o abdômen. Perceba se algo mudou após o toque. Perceba se a primeira impressão condiz com a sensação. Repita quantas vezes achar necessário. Volte a sua respiração inicial.

CORPO PULSAR ⁴

Dedico-me ao vazio pleno
Ao primeiro pulsar
Da melodia sincopada
De visões graduais
Gritos rascantes
Arfantes e esguios
Em material poroso
Ávido de requinte
Na penumbra atormentada
Com o ritmo descompassado
Em uma névoa úmida
Por sons transfundidos
E traços ríspidos e vívidos
Onde voam faíscas
Para apalpar o invisível
E a insossa transfiguração
Dos passos cadenciados
Sentidos pelo sopro na pele
Pelo rufar enfático e buliçoso

Em veleidades de querer ver
O limbo impessoal
Ouvinte de acordes
Desse não saber
Esquálido do frescor
Estremecido do prazer
Vestido de si
Do leve êxtase do acaso
Em vácuos sucessivos
De sonoridade plangente
Corpo estardalhaço do existir
Da simplicidade orgânica
Ao ardor consternado
Do devaneio volátil
Da tragédia vivificante
E da súbita voracidade
Estranho de si
Do gosto gélido
Ao mínimo parco

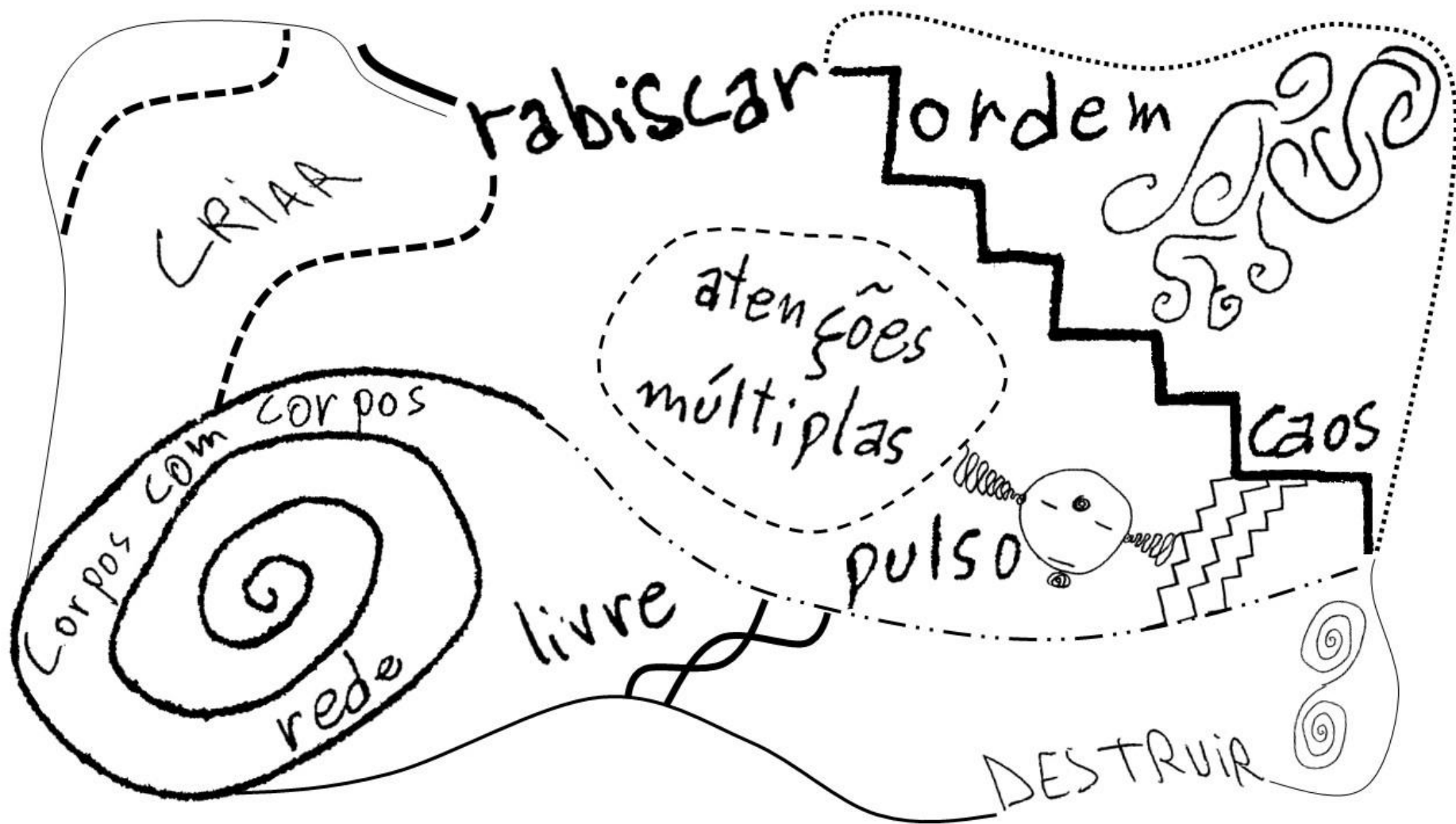
Da geometria inflexível
E do âmago transeunte
Deslumbre de efemeridade
Pelo luxo do tédio
Ao êxtase inesperado
Dito na brutalidade
Em matéria vivente
Topázio de esplendor
Prenúncio do acontecer
Retomado do fôlego
Do tom cantado
Das inominadas sensações
Para esquecer o sabor
Da servilidade e da subserviência
Privado na flama do amargor
Na vibração augurar
Da insossa e saudade desmaiada
De um corpo
Do corpo pulsar.

⁴ ALVES, Adriana. A. (2020). Corpo pulsar. *Revista Desassossego*, 12 (23), 203-204.

PULSO

O corpo está presente, o artista está presente. Pronto para ser interpelado, invadido e rabiscado. Se deixa abandonar na sobreposição de corpos com corpos e mentes se olhando, tocando, vibrando. Percebendo aquilo e aqueles. No coletivo, as atenções múltiplas tecem redes de fios emaranhados organizando o caos. Essa experiência se dá apenas com o outro? Há um desvio de pulsações constantes que seguem certa harmonia. Ritmos oscilantes de diálogos falados e sonorizados. Como escrever essa escuta? Pessoas se olham, se cruzam, se guiam e confiam. O corpo é empurrado por contrapesos que o

balançam para frente, para trás, para direita e para esquerda. Apoia, pressiona, sustenta e arrepia com a sensação de mover e ser movido. Roda, gira, vira, balanceia e não cai. Estados mentais de presença que deixam que os corpos falem por vias sensoriais. O pé gelado, a mão quente, as nuvens e o sol, paradoxos de temperaturas maleáveis. Percursos performados em esboços livres para serem rasgados, cortados e amassados. É destruir para criar. É permitir o abandono de um só pulso e se envolver na respiração conjunta. É deixar começar para poder partir.



A
T
R
A
V
E
S
S
A
R

De certo modo, será necessário voltar a pensar numa linguagem habitada por dentro e não apenas revestida por fora. Como a pele, a linguagem também toma a forma de um batimento cardíaco ou de uma agitação do respirar ou de um estranho e persistente movimento; outras vezes, ela se converte em muralha, em defesa, em contenção.

(SKLIAR, 2014: 20-21)

CARTOGRAFA⁵

Movimento de ir e vir que atravessa lugares de passagem. Percorre territórios antes não habitados. Rastreia sensações, desejos, movimentos, diálogos e impressões ao abrir-se aos gestos de encontro. Acompanha percursos traçados em linhas que se formam e se deformam. Uma espécie de pouso que localiza e esboça estados perceptivos do corpo. Entre as modulações e contornos singulares vão se construindo ciclos coletivos. O conhecimento vai surgindo como composição de uma cena, vai se desenhando e se conectando aos encaixes produzidos. A experiência acontece no caminho, sem predefinições, sem buscar uma linearidade, mas o transitar por um terreno desconexo e fragmentado que vai se constituindo pouco a pouco. Move-se por superfícies sem saber onde irá chegar. Lança-se na viagem e aventura-se ao desconhecido atravessando perspectivas e pontos de vistas, sem desejar neles permanecer. São cruzamentos múltiplos da realidade movente que ressaltam conflitos, contradições e descontinuidades. Processualidades e subjetividades fluidas que provocam rachaduras e vetores de

transformação. Intervenção que acolhe gestos e afetos deslocando e produzindo lugares de invenção. Inventase o outro, inventase a si, inventase junto. O criar é vivo e permanente, acontece na percepção e reconhecimento sinestésico, proporcionados pelos toques e sensações do corpo e suas modulações. Processos se criam e são criados, transformam e são transformados, desterritorializam e são desterritorializados. Narrativas trançadas em imagens, anotações, desenhos, movimentos e palavras que falam das experiências vivenciadas. Escritas compartilhadas que convocam e possibilitam relações de contágio, dobras e desdobras da inseparabilidade dos sujeitos e seus territórios. O aprender é tecer em rede, é caminhar pelos pontos de fratura, é vibrar os limiares e estreitar o elo entre o conhecer e o fazer, o pesquisar e o intervir. À medida que caminha, dissolve certezas, desestabiliza eixos categorizados e desenha pistas. Cartografar é performar rascunhos do corpo provisório, é deixar falar o vivido, é praticar e experimentar a cada vez que se traçam relações e narratividades.

⁵ Escrita baseada nos estudos de Passos, Kastrup e Escóssia (2015), Oliveira e Paraíso (2012) e Rolnik (2011).

LINHAS ⁶

Princípios das formas que marcam seu caráter de irreprodução permeada por noções da geometria. A cada repetição instaura-se uma nova linha. Cria projeções de inscrições de movimentos no espaço quanto a intensidade, espacialidade, textura, ritmo, peso, formas e contornos. Trajetórias essas definidas e demarcadas ou indefinidas e aleatórias. Composta pela divisão em linhas euclidianas e topológicas, abrangendo características particulares. Linhas euclidianas podem ser curvas e marcam o prolongamento circular, com a ideia de continuidade e fluência. Ou linhas sinuosas que combinam linhas curvas em diferentes sentidos.

Podem ainda ser linhas angulares, aquelas fragmentadas que remetem as segmentações. Ou então, linhas retas, longilíneas, que ressaltam o prolongamento vetorial. Talvez, linhas mistas que combinam as outras linhas simultaneamente. Mas também, linhas topológicas que dissolvem a ideia de forma e proporcionam a deformação destas. São tidas como fatores de desestabilização que abrangem possibilidades de dissolver a premissa da exatidão. Linhas essas que se transformam entre si progressivamente e nascem a cada vez que são experimentadas.

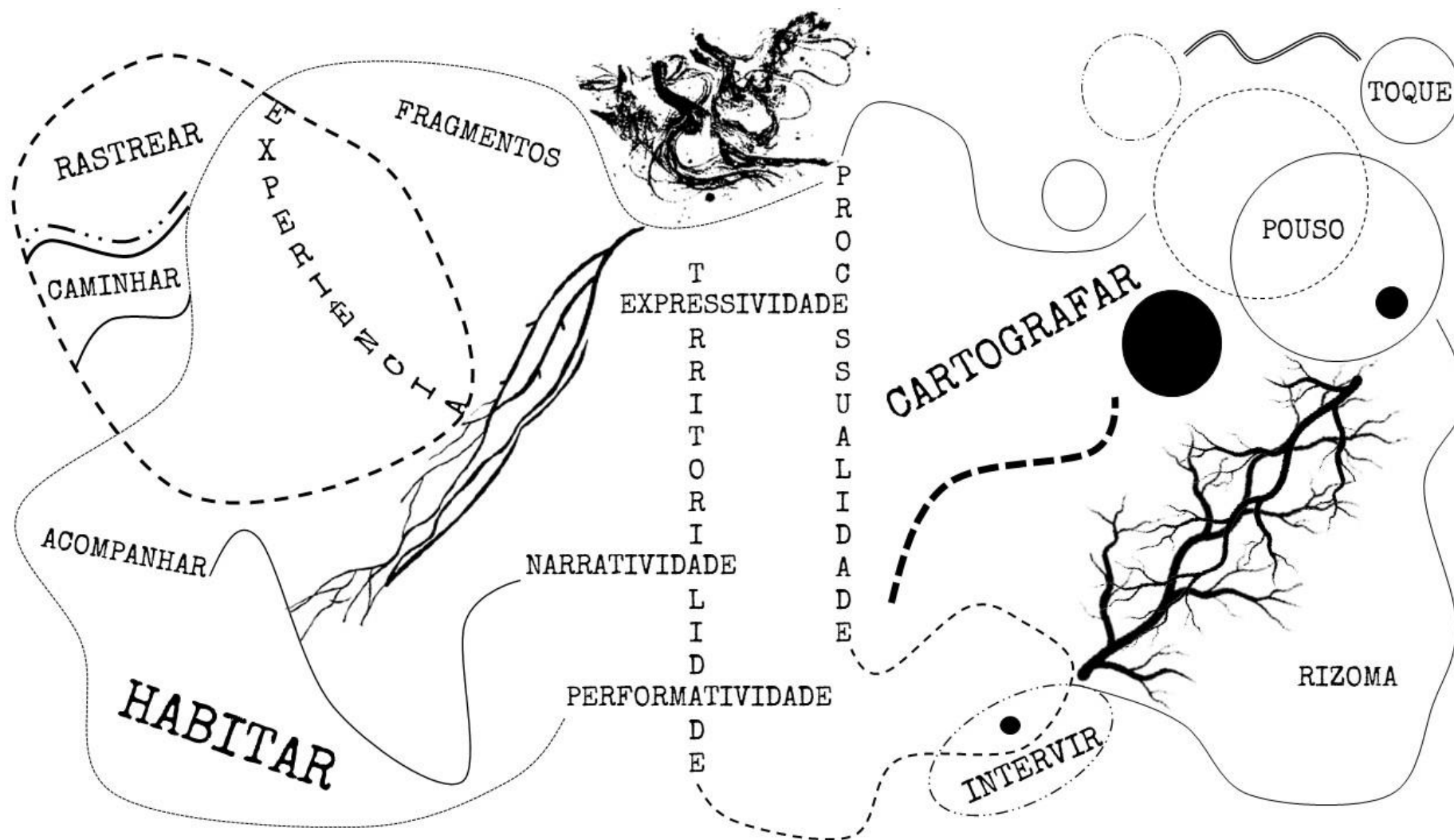
⁶ Escrita baseada nos conceitos do parâmetro "Forma" presentes na Teoria Fundamentos da Dança, concebida pela pesquisadora Helenita Sá Earp, sendo uma das unidades de estudo do corpo (MOTTA, 2006, p.141-171).

MAPEAR ⁷

Tomarei de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996) a ideia de mapa como proposição aberta e conectável em todas as suas dimensões, com múltiplas entradas e saídas. Mapa desmontável, reversível e suscetível as intervenções e modificações. Dispositivo de contato e relações de pertencimentos, localidade e expressividade. Jogo de forças, tensões e linhas de fuga

mapeando percursos e processos. Pode ser percorrido, transformado, deformado, rasgado, costurado, desenhado, construído e reconstruído pelo eu, pelo outro e pelos instantes que com ele dialogam. Assim, que o leitor possa criar e organizar suas próprias legendas, percorrendo, habitando e intervindo à medida que o convite o invade.

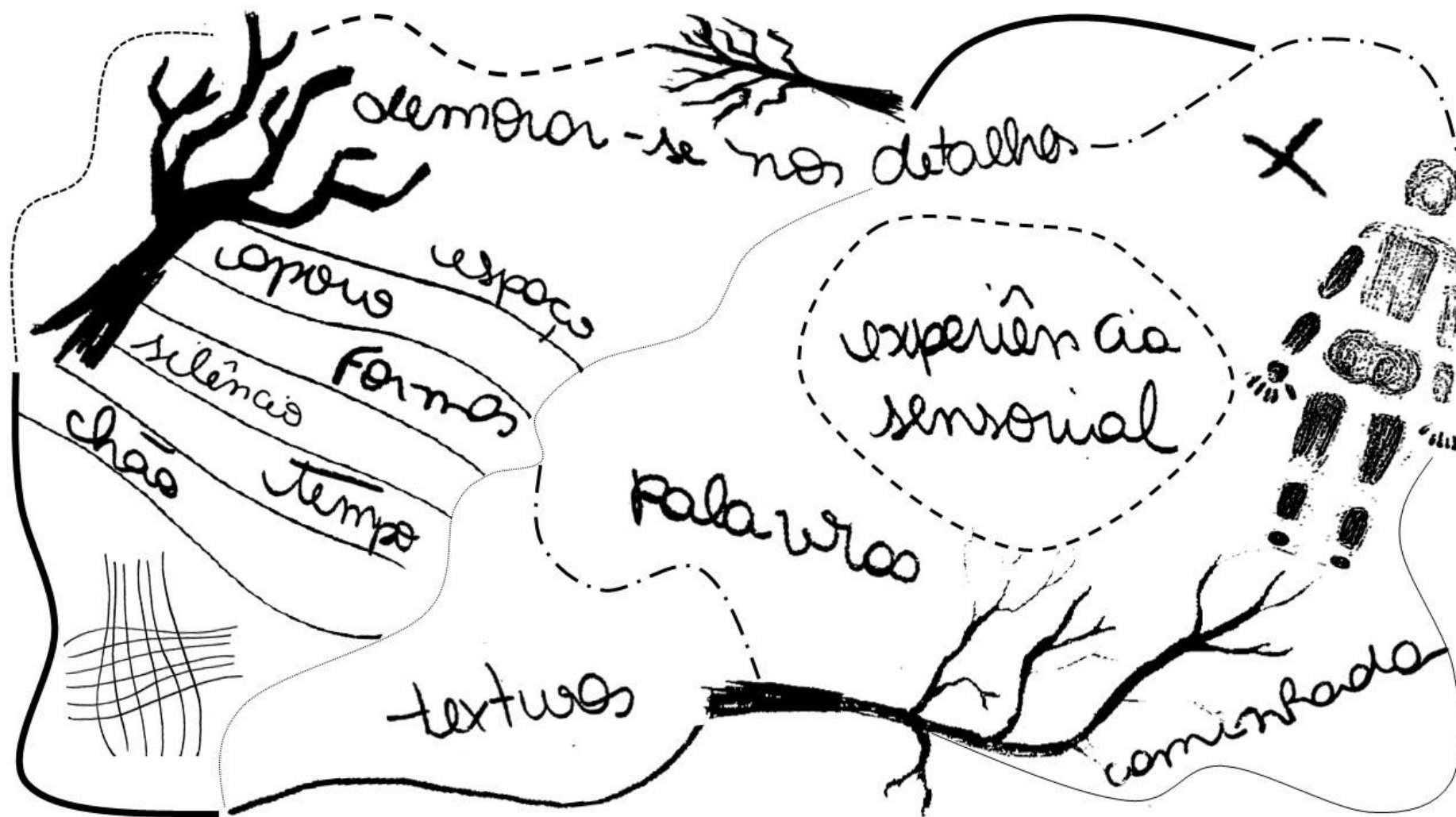
⁷ Os MAPAS são tentativas de escrever novas paisagens a partir da releitura dos diários produzidos pelos participantes das oficinas "Poéticas Centradas no Corpo". A construção artística perpassa os estudos sobre cartografia e tem como referência os trabalhos do artista Ricardo Basbaum (2010) denominados de "diagramas". O artista ressalta que seus trabalhos remetem a combinação de linhas, palavras e elementos gráficos instaurando dinâmicas de produção de novos discursos e novos gestos.



FORMA

É como estar dentro da água. O corpo levinho com seus fluidos em movimento. Para que lado ele tomba? Que formas ele cria? As texturas ressaltam a atenção sensorial dedicada a cada parte. Demora-se nos detalhes, aprecia o percurso e olha cada vez mais devagar. O corpo pende mais para o lado esquerdo e para frente. Percebe a dificuldade e a rigidez da coluna em descer de frente. É como se tivesse esquecido o movimento. Ora mais fácil ora mais desafiador. E por vezes recorre às palavras, acredita expressar-se melhor com elas do que com o corpo. Por isso, tenta suspender a fala. É um jogo difícil de entrega. As pernas parecem fixas criando resistência e apoio. Dualidades são instigadas no

medo de cair e entregar totalmente o corpo. Falta confiança? Falta posicionamento? Possibilidades da experiência de performar os estados da mente. Uma caminhada sozinho e às cegas que vai acolhendo outros à medida que por eles vai passando. Em algum momento todos estão em conjunto, caminhando e pausando simultaneamente. Formas se criam e cada corpo vai perpassando as deformações de preenchimento de cada fresta. Move-se em silêncio, apreciando a textura dos pés sob o chão. O ar percorre cada corpo e proporciona sonoridades que invadem o espaço. Por ele os corpos são guiados na melodia da experiência dando lugar à novos afetos e novas linguagens.



ALTERAR

Fique na posição de pé. Mantenha seus braços ao longo do corpo. Faça uma respiração profunda. Eleve seu braço direito esticado até chegar próximo a cabeça. Retorne o braço. Repita esse movimento em 6 tempos para chegar e mais 6 tempos para retornar. Repita em 2 tempos. Repita em 1 tempo. Observe as variações provocadas. Experimente com o braço esquerdo. Experimente com os dois braços. Experimente uma alternância. Braço direito em 6 tempos e braço esquerdo em 4 tempos simultaneamente. Perceba as alterações. Experimente outras variações. Experimente com outras partes. Experimente quantas vezes quiser.

É possível que escrever esteja em uma relação essencial com as linhas de fuga. Escrever é traçar linhas de fuga, que não são imaginárias, que se é forçado a seguir, porque a escritura nos engaja nelas, na realidade, nos embarca nela. Escrever é tornar-se, mas não é de modo algum tornar-se escritor. É tornar-se outra coisa.

(DELEUZE e PARNET, 1998: 35)

CAPTURAR

Tantas escritas sufocadas. Tantas escritas inscritas em existências capturadas. Tantas vozes caladas e desautorizadas. Tantas criações inferiorizadas e invalidadas. Tanto conhecimento esculpido desqualificado. Tantos dizeres aprisionados e invisibilizados. Tantos corpos condicionados às hierarquizações dominantes. Tantas linguagens reprimidas de cientificismo qualificado. Tantos movimentos aprisionados de formatos impositivos. Tantas poéticas canonizadas. Tantos discursos despersonalizados. Tantos pensamentos invalidados na lógica produtivista. Tantos gestos objetivados em determinismos aceitáveis. Tantas vontades induzidas pelas ditas permissividades. Tantas ideias obedientes aos esquemas estruturados. Tantas reflexões moduladas em mecânicas previsíveis. Tanto pulsar inerte as permanências consolidadas. Tantas relações encarnadas em consciências adestradas. Tantas imagens forjadas em geometrias ordenadas. Tanta espontaneidade fragmentada em mecanismos tatuados. Tanta expressividade conduzida de intencionalidades. Tanta existência censurada de simbolismos socializados.

Tantas individualidades padronizadas de hábitos incorporados. Tantas narrativas comportadas em legitimações substanciadas. Tantos afetos endurecidos de pertencimentos habitados. Tantos valores germinados em procedimentos autenticados. Tantos saberes enrijecidos em normatizações inculcadas. Tantas palavras enraizadas em limites entrecruzados. Tantas trajetórias desventuradas em dialéticas parcializadas. Tantas percepções manifestadas de diagramas compactados. Tantos questionamentos convergidos de paradigmas empíricos. Tantas poéticas sentenciadas e marginalizadas. Tantas questões convertidas em racionalidades apartadas. Tantas escutas dissolvidas por territorialidades demarcadas. Tanto diálogo moldado pela modernidade esgotada. Tantas teorias dogmatizadas e estetizadas. Tantas solidões humilhadas e fabricadas. Tantas experiências ajustadas em classificações compartimentalizadas. Tantos desejos reprimidos e ambigualmente processados. Tantas memórias esmagadas por regularidades triunfadas. Tantas identidades excluídas e culturalmente violentadas.

ESCREVER

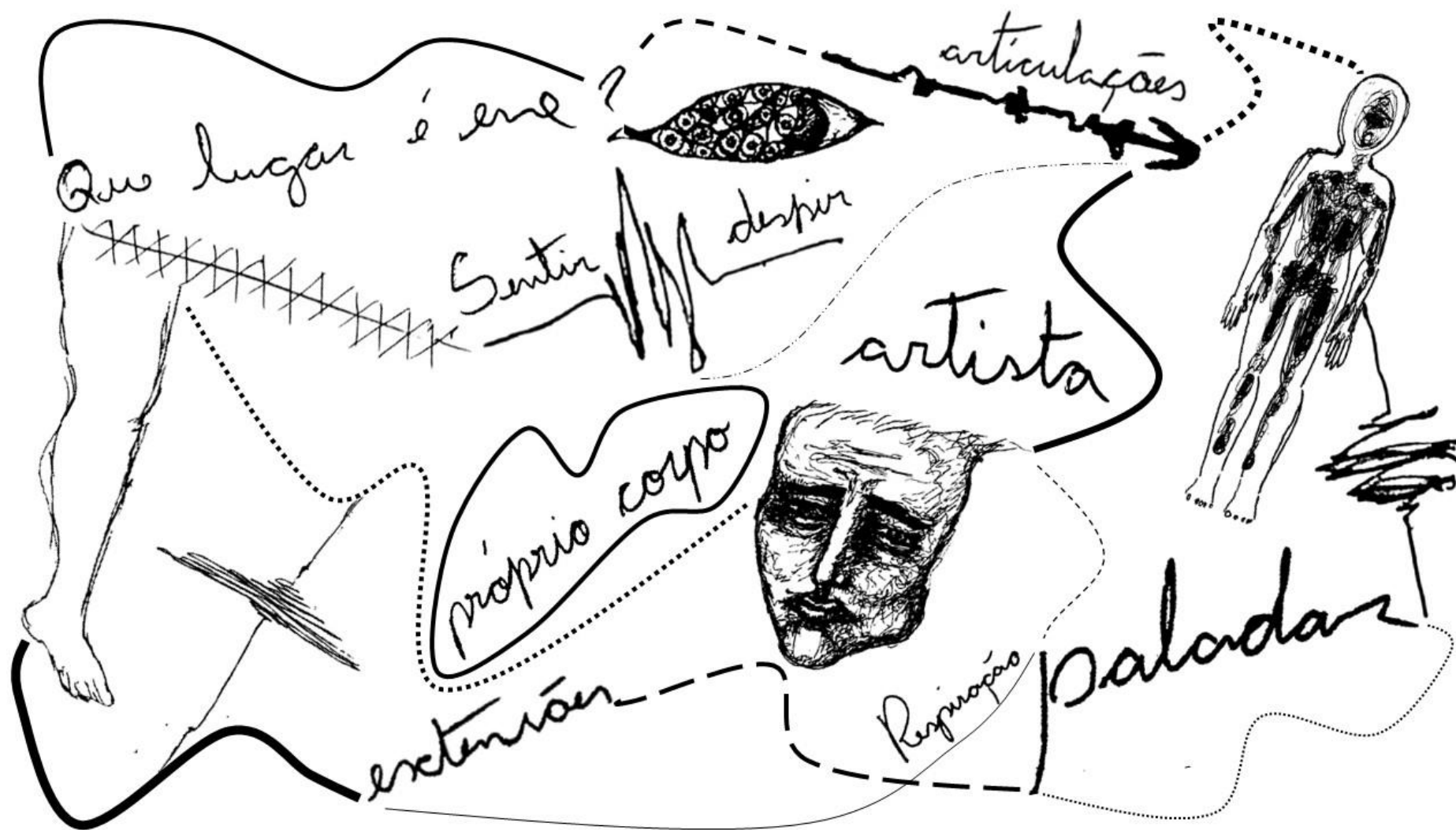
Escrever é aqui e agora. Escrever é como um ensaio que acontece a cada vez que se cria. Como um impulso de transbordar e inquietar. Escrever como desejo, como reinvenção da própria escrita, como lugar de experiência que acontece e se renova. Como intenção de ensaiar a própria escrita, interrogar a própria escrita e experimentar escritas de outros modos. Escrever como desobediência, como dissolução de fronteiras. Para semear

inquietações e produzir movimentos, velocidades e tentativas de não nomear. Escrita que se constrói, se dissolve, se reconstrói à medida que perpassa os contornos da realidade, como exercício de conjugar fluxos e escrever instantes. Escrever como gesto, como olhar, como toque, como corpo. Escrever como atravessar, como tornar e tornar-se outra coisa.

LUGAR

Que lugar é esse? Que corpo é esse? Um corpo que necessita despir-se, pois não é capaz de sentir o que está coberto. Que deseja ocupar e prolongar seus espaços. Reconhece suas extensões e quer nelas mergulhar. Quer conhecer a si próprio como motivação para continuar a caminhada. Segue descalço por percursos de atenção. Convites o invadem criando novas possibilidades de invadir. Exerce pressão contra o chão e gradativamente a cede. O equilíbrio parece um redemoinho, que oscila

a cada passo. As vértebras comprimem e relaxam. Predomina a tal verticalidade. Pernas e braços como extremidades de sustentação que confortam o percurso de desvendar cada parte. A respiração alcança e preenche cada dobradiça e cada espaço. Articulações como engrenagens? O esqueleto sustenta registros de intimidade. Dissolve inquietudes e ativa o paladar para saborear cada gesto. E no performar encena a cada relação um novo corpo, um novo lugar.



TRANSPIRAR

Transpirar e pirar. Pirar na escrita. Criar é não se adequar, é encasquetar, é estranhar, é parir, é desvelar. É remar contra a maré e reexistir. É se desacostumar da forma e desmontar espaços para devorar ideias transitórias. O que te devora? Poros que exalam o corpo vivo que se inquieta e desacomoda o outro e a si. Move, pensa e escreve rastros de sensações que se deslocam e atravessam o prazer de experimentar. De carimbar experiências e pintar o corpo que dança os rastros e contorcionismos de se aventurar. De pausar, silenciar, refletir e transformar escritas que se inscrevem no corpo, deformam e dão forma ao

desejo de não fabricar. Até onde se dilata? Espaços que se deslocam e deixam transPIRAR. Qual a sua pira? O que te faz pirar? Contrair e expandir sentidos, produzir espasmos e gesticular. Esquecer o que já se sabe, despir-se e não se adequar. Transgredir, insistir e não resistir ao estado de embriaguez de esquecer e recordar. Insistir na fúria que martela instantes e estalos de habitar a sua pira. Compor espaços, com gestos, palavras e linhas entrelaçadas. Desbotar e colorir os avessos e superfícies para alterar o estado das coisas. E se deixar atrapalhar, criar, recriar, pirar e TRANSPIRAR.

Para o ensaísta, a escrita e a leitura não são apenas a sua tarefa [...] mas também o seu problema [...] problematiza a escrita cada vez que escreve, e problematiza a leitura cada vez que lê [...] a leitura e a escrita são lugares de experiência [onde aprende-se] a escrever cada vez que escreve, e [aprende-se] a ler cada vez que lê [...] ensaia a própria escrita cada vez que escreve e [...] ensaia as próprias modalidades de leitura cada vez que lê.

(LARROSA, 2003: 108)

ENSAIAR

E se o corpo pudesse ensaiar estados de experiência? E se ao invés de verdades objetivas provocasse incertezas? Como saberes que ainda não sabe ou reconhece, mas vividos por estados de disponibilidade e presença. E se o pensamento fosse pelo gesto e a escrita pelo próprio corpo? Que pensamentos seriam esses? Que escritas seriam essas? E se suspendesse o automatismo de suas ações e aprendesse a passividade? Se buscasse escutar, observar e sentir, sem querer respostas e sim movimentar questões? Indagações que o façam mover-se de lugar e ver aquilo que ainda não foi visto, sob outros ângulos e outras perspectivas. E se não delimitasse conclusões, mas trançasse gestos para se aventurar no percurso? Percurso esse que esbarra em limites, margens e fronteiras, mas encontra possibilidades para ir além de quantificar o que não se pode medir. Que vai contra um fluxo e desencaminha o pensamento, gerando interrupções que o fazem parar para olhar de novo. Olhar os gestos, as formas, os contornos e dedilhar as linhas que atravessam esse corpo. E se criasse novos ângulos e não tivesse vergonha do entusiasmo? Se não tivesse padrões e amarras, mas possibilidades de descaminhar o pensamento, costurar processos e dar voz

a um lugar de despropósito? Entre lugares que não querem necessariamente chegar a um fim, mas produzir um fluxo de movimentos e conexões transversais que não esgotam e recomeçam a todo instante. Que se relacionam e estão em constante devir, que reinventam, destroem, reconstroem, e se deixam embriagar pelo prazer de experimentar. E se o corpo se desacomodasse, se deixasse interromper e ser interrompido sugerindo descontinuidades? E se não se adaptasse ao trajeto esperado e ao que já se sabe que vai encontrar? E se atuasse nas brechas e navegasse para inventar a viagem? Um mapa que desbrava novos horizontes remando contra a maré e desaceitando o naufrágio. Encasquetando-se e nadando para desacostumar do fado fixo e alterar, remodelar e contorcer a lucidez e a loucura dos rastros vividos. E se no caminho se apropriasse do que gosta e devorasse o que admira? Se não prosseguisse em linha reta e provocasse desvios no curso? Como esboços e tentativas de resistir às direções previamente delimitadas. E se resgatasse o corpo experiência que se deixa atrapalhar, se perder e se encontrar, achando graça na aventura que é essa jornada de experienciar?

RASCUNHAR

E se os rascunhos fossem a própria pesquisa? E se fossem apresentados, será que não diriam mais sobre o ato de pesquisar e escrever do que a própria escrita e a própria pesquisa? Talvez eles tenham mais a falar do que a ideia que criamos de fazer e refazer, aperfeiçoar e lapidar. E por que não rascunhar? Anotações, recortes e fragmentos que vão evidenciando pouco a pouco o que foi visitando, com quem foi conversando e de que foi se aproximando. Inquietando-se com tensões que invadem e estressam o ato de organizar e sistematizar o que se faz. Tentativas de temporalizar que geram destemporalidades e mergulham nos discursos que contrapõe. Superfície das fragmentações que tecem os fios da problemática de produzir escritas com o corpo. É

possível escrever com o gesto? Caminhada datada que no momento que se refaz já não é mais. Que se modifica para produzir algo novo, que destrói para construir. E nesse destruir, muito fica para trás. Deixam-se os impulsos que moveram qualquer pesquisador a se aventurar nesse universo, movido por suas inquietações e suas angústias. Pesquisar é sobre angústia. É sobre não conformidade com as coisas. É sobre pulsações do corpo. É sobre ir e vir, pegar e largar, retomar e abandonar. E talvez seja algo para olharmos de outras formas, com outras partes do corpo, com rascunhos de existência. Sem pretensão de sistematizações, mas de intencionalidades que reverberam algo. E, por mínimo que seja convidem ao desejo de mover e de sair do lugar.

À medida que vamos dizendo, escrevendo, vamo-nos comprometendo com aquilo que dizemos [...] nos libertamos do pântano de areias movediças em que caímos [...] daquela teia de argumentos e contra-argumentos.

(CUNHA E SILVA, 1999: 13)

TATEAR

O que se começou nem ao certo se sabia. O trajeto escolhido apenas tinha pistas. Não havia uma demarcação, um percurso definido. Não se sabia bem o que viria, como viria e para que viria. Era um movimento de ir. Tatear. Percorrer. E no caminhar interessou-se pelo meio. Pelas bifurcações que habitam o entre das coisas. Optou-se por trabalhar com vírgulas, pausas no acontecimento. Mas como produzir uma escrita dos movimentos de pausa? De respiro? De temporalidades? Há que se perguntar como? Movimento de tensão no produzir escritas que inscrevem gestos e partituras do corpo. Um traçado dançado traçando danças e devires. Há que se questionar. E no ato de questionar-se o percurso segue. Tímido. Acanhado. Buscando seu espaço. Ocupando as brechas. Atuando nos possíveis. Propondo um partilhar de cartografias de movimento em ondas de sinuosidade que agitam e vibram moveres. Um caminhar que percorre

labirintos de infinitas teias de tensionamento. Que eclode o novo, ou se depara com tal vivido. Experiência? Memória? Marca? Impressões tatuadas que refletem corpos constituídos na ausência de seus próprios corpos. Corpos desejosos. Corpos pulsantes. Mas também corpos receosos, corpos desconfortáveis e amedrontados. Corpos resistentes. Que se confrontam no confrontar a si, suas questões, seu território. Confronto disparador de linguagens. Que emana das tessituras elásticas e maleáveis. Mas que em fração de segundos perdem seu esgarçar reduzidos a resistência dos avanços. Hesitantes. Avançar requer ruptura. Entrega. É doloroso. Há que se dar tempo. Tempo não cronológico, mas tempo de intimidade, de afinidade e de afeto. Tempo do sentir. Tempo de suspender as visualidades convencionadas e demorar-se em investigações profundas.

ESGARÇAR

E como vemos pelo corpo? Esgarçamos o sentir em êxtase? Acolhemos sua pulsação e seu ritmo? Como damo-nos tempo? Tempo para as escutas que atravessam o estado da experiência que se abre para um encontro, um acontecimento. O acontecer poético que emana a criação do estar, do mover, do alterar o estado das coisas. Sem regras ou propósitos, mas no balanço das ondas de vibração que ressoam linhas de fuga de encontros e presenças. De um presentificar as relações de corpos inteiros e vivos no agora. No mover não linear e interrupto. De fragmentos que esboçam camadas sobrepostas de dobras e desdobras, desdobrando sensações vivenciais de um habitar outro. De um outrar-se.

O olho atrapalha.

(ERNESTO NETO)

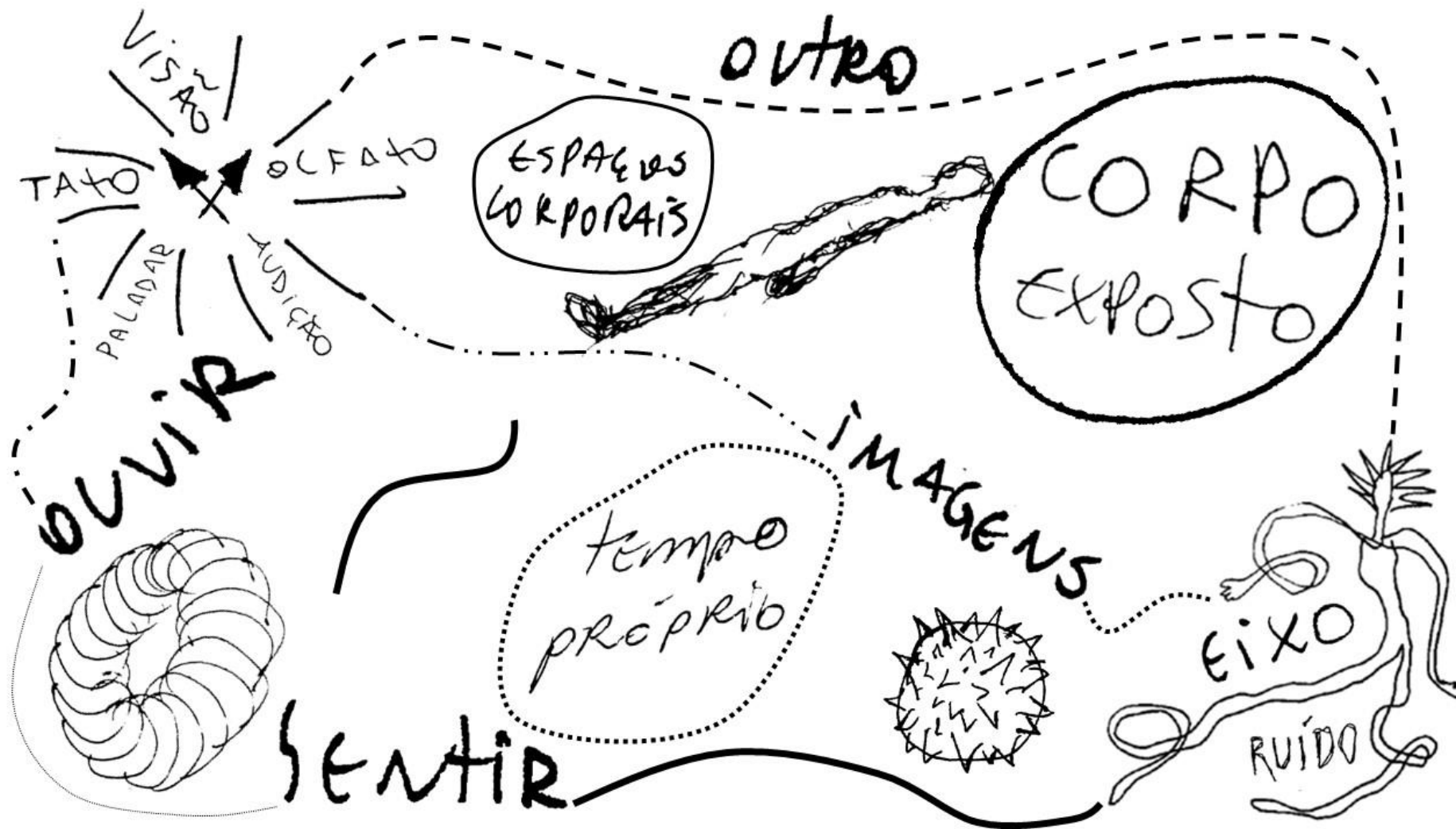
DILATAR

É quando o corpo aquece ou quando o corpo acalma? É quando se prende ou se liberta? É quando há desejo ou necessidade? Poros que dilatam interrogações de confronto e indagam os instantes produzidos. Transitam pelas entranhas e rugosidades, no rizoma ou na grama. Por canais de fôlego que atravessam frestas e camadas. Veias do prazer de andar sem destino para expandir o que perpassa. Para alargar e ver de novo, não pelos olhos, mas pela pele.

ESPAÇO

Os pés descalços percorrem as margens tateando diferentes superfícies. Sentem as partes que tocam e as que não tocam o chão. De olhos fechados pode-se ouvir o toque, sentir o som e projetar ruídos e imagens. Sensação agradável? Ficar encucado ou relaxado? Tentar acostumar-se com as estranhezas que já não parecem mais tão estranhas. Sujeito disponível que se abre totalmente ao conjunto de conexões que o permitem relacionar-se com o entorno. Invadido pelos sentidos da visão, tato, olfato, paladar e audição, que parecem diferentes de como normalmente os reconhece. Demora-se esperando sentir o calor de um corpo exposto. Raios que o penetram fazendo-o mudar de cor. Percebe dobras e curvas que agitam seu peso e equilíbrio. O ombro para dentro, a cabeça pesada, algumas dores

evidenciadas. Defesas? Gestos controlados? Corpo fora do eixo? Em silêncio, pouco a pouco, o corpo acorda. Permanece parado, experimenta diferentes formas de respirar, sente os cheiros que o rodeiam. Percorre seus espaços corporais até adentrar a um novo corpo por um movimento de conduzir e ser conduzido. Jogo de confiança traduzido em dinâmicas de intensidade, respeitando e entendendo o seu próprio corpo e o corpo do outro. Cada um em seu tempo. São gestos de encontro desdobrados em sentimentos e sensações. Como essa interação acontece? Ela de fato acontece? Rede de corpos entrelaçados que se conectam por diversas partes, objetos e diálogos. Rolam, sobem, descem, abrem, fecham e experienciam o olho no olho, e a pele na pele.



Se o experimento é repetível, a experiência é irrepetível [...] se o experimento é preditível e previsível, a experiência não é o caminho [de] um objetivo previsto [...] é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem "pré-ver" nem "pré-dizer".

(LARROSA, 2002: 28)

EXPERIÊNCIA ⁸

Cada sensação no meu corpo. Coisas que não sei, não senti, não toquei, não aprendi. É sentir o desconhecido, tudo o que é novo. É tudo aquilo que fazemos. São acontecimentos que nos transformam. Nos fazem sentir diferentes. Nos afetam e nos fazem crescer. Levam tempo. São emoções, deixam marcas que caminham com a gente. Nos ensinam muito sobre nós. São memórias que ficam em nosso corpo. Impressões

carimbadas. Nos permitem ver além do visível. Nos surpreendem. Nos fazem esbarrar em erros e acertos. É como estar dentro do que as palavras querem dizer. É verbo de ação, de movimento. As experiências são adquiridas através do nosso próprio corpo. São estados de entrega com o nosso corpo e com o corpo do outro. Elas sem dúvida são melhores quando acontecem em companhia.

⁸ Escrita com relatos dos participantes das oficinas "Poética centradas no corpo" sobre o que é experiência.

PARTILHAR

O início. O começo. A chegada. O ponto de partida. O primeiro diálogo. A primeira troca. As primeiras impressões. O primeiro contato. De que lugar cada um parte? De onde vem? O que carrega consigo? O que tem para partilhar? O que está disposto a revelar? O quanto poderá se permitir? Até onde poderá ir? Que percurso será traçado? Que imagens vão surgir? Que escritas serão produzidas? Que falas expressadas? Que contatos serão vivenciados? E assim partimos. Em uma viagem a um território ainda não explorado. Não daquela forma. Não com aquelas pessoas. Não como se pode prever. Mas um percurso que perpassa lugares, memórias, sensações, sentimentos, restrições, angústias, cansaços, tensões, risadas e toque. Muito toque. Partimos daí. Da experiência. Da palavra. E o que cada um entende por experiência? Será que todos carregamos a mesma ideia ou compreensão do que é "experiência"? Ou o que representa experiência para cada um? O que essa

palavra carrega? O que foi vivenciado, lembrado, revivido com ela? O que ela aciona? O que ela interroga? O que ela move? O que ela silencia? O que ela inquieta? Qual o peso que ela tem? E nesse relato temos conceituações singulares. Subjetivas. Mas que retratam um sujeito social. Um sujeito parte de um contexto específico. Permeado de regularidades e irregularidades que o formam como é. Um sujeito da experiência. E por isso, antes de começar, ou melhor começando e mapeando uma partida, ou apenas simulando um ponto no espaço. Criando um marco, um referencial, um relato, uma primeira escrita. E então partimos de uma ideia de definição, síntese e reflexão. Uma escrita que acolhe o que aquilo toca em você. O que movimenta no seu corpo. E assim temos um antes e um depois. Uma experiência que inicia e cria um marco temporal no espaço, sem desejo de finalizações, mas como um recorte do processo vivido.

ESBOÇAR

Esboçar reflexões que permitam caminhos e percursos que saboreiem as modulações do estar presente nas questões do devir e do saber em ressonância. Que esgarça o que se tem, sem premissas ou formatações, em um fluxo de ir e vir como ateliê de experimentações. Que não quer acertar e encontrar modelos possíveis para a ação, mas gerar um devir artístico-pedagógico da proposição. O fazer que não finda na sua interrupção cronológica espaço-temporal, mas

cria pausas e rupturas necessárias ao amadurecer da processualidade. Que gera movimentos nos corpos que tendem as inércias da contemporaneidade e enclausuram o prazer criativo da experiência. Mover interrogações que levem os corpos a não buscarem respostas, mas a estirar a musculatura até quase algo se romper. Mutar, avançar, recuar e torcer o que se tem para penetrar em camadas outras de tessituras e sobreposições.

FORMAR ⁹



⁹ Processo vivenciado no estágio docência da disciplina "Poéticas centradas no corpo" com estudantes de graduação em Artes da Universidade Federal de Juiz de Fora, no ano de 2019. Para acessar o material disponibilizado em QR Code, basta posicionar a câmera do celular na imagem. O material também está disponível no link abaixo:

<https://drive.google.com/file/d/leApUYOon9gooZev8A3jHC2hMEFRznAjr/view?usp=sharing>

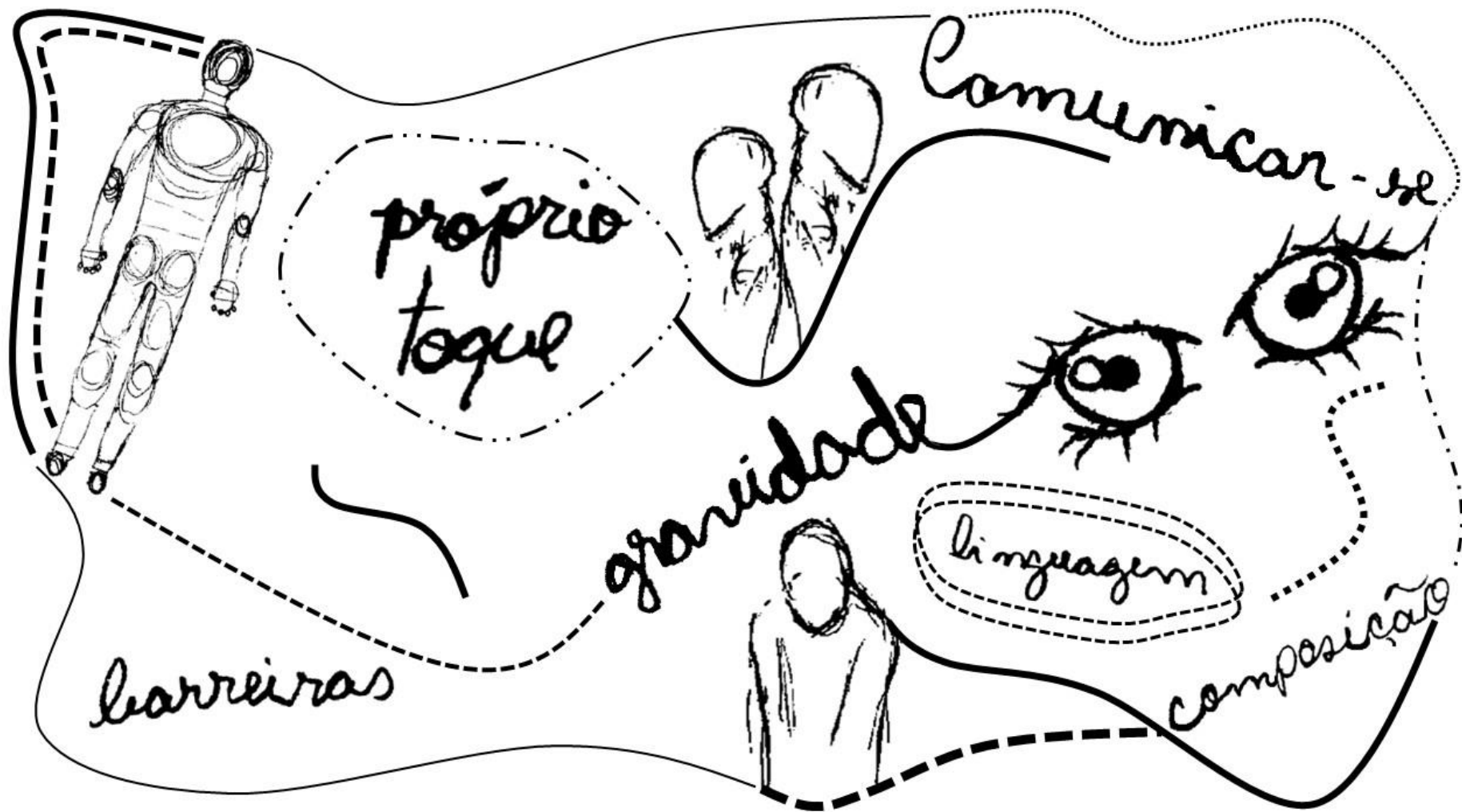
O ser humano é um hábil experimentador de si mesmo [...] está em constante metamorfose [...] trata-se, sim, a cada instante, de tentar tudo, qualquer que seja o resultado [...] o sentido das experimentações vem depois, em um segundo momento [...] a vida é um conjunto de experimentações [...] é, antes de tudo, atividade criadora.

(DIAS, 2011: 13-15)

GRAVIDADE

O senso de gravidade cede a interação do toque. O peso pareceu ser alterado. Pontos de pressão tornaram visíveis certas fraquezas. É como estar offline, mas a massa corpórea te traz de volta reunindo o que está ao redor. Facilmente você se envolve, convidado ao lugar de propositor. Você acolhe ou afasta. Estar desconectado do próprio corpo o torna incapaz de propor. E requer atravessar as barreiras e explorar os limites que o confrontam para percorrer um ponto a outro em sintonia. Como fazer isso juntos? A liderança compartilhada gera conforto e segurança para dispor-se. Avança obstáculos que o impedem de explorar o corpo do outro. Mas requer entrega e coragem de expor seu próprio corpo. A sensação é de alcançar o novo e suspender racionalizações imediatas. O contato não verbal se modifica e deixa os corpos sedentos do toque. A comunicação se

estabelece sensorialmente e permite conhecer o outro a partir do estado de entrega. Você sente o outro, você se relaciona, o contato visual fica intenso e quase transparente. Formas se criam, e os apoios e encaixes se unem gerando uma escultura de corpos. Composições rítmicas e coordenadas que exploram o tato, os cheiros e transcendem a percepção condicionada da visão. A linguagem corporal dissolve empecilhos, retira o filtro lógico da interação, mas não é totalmente legível, exige confiança. Caso alguém não esteja suscetível, ela é estagnada. Uma vez abraçada a experiência, há uma amplitude de possibilidades. Você confia no outro como alguém que abre uma passagem, que te passa proteção pelo caminho que já ocupou. De mãos dadas você fica à mercê do convite, das misturas e espelhamentos, sugerindo e cedendo pouco a pouco o peso de um e o peso do outro.



MOVIMENTO ¹⁰

Ações mais conscientes tidas como mudanças qualitativas e quantitativas. Permeadas da compreensão das possibilidades anatômicas quanto o deslocamento de um segmento em torno de um eixo fixo e deslocamentos entre dois pontos de um segmento articular. Concentração e liberação de energia. Entre movimentos segmentares agrupados e denominados de possibilidades articulares. Flexão, extensão, adução, abdução, propulsão, retropulsão, lateralidade, circundução, elevação, depressão, supinação, pronação, anteversão, retroversão, inversão, eversão, oposição. Marcados por transferências com mudanças da distribuição do peso e por locomoções como deslocamento do corpo

como um todo. Voltas, saltos, quedas, elevações. Em meio a combinações isoladas ou combinadas com partes iguais ou diferentes. Contatos das partes do corpo entre si ou com o corpo do outro. Estado potencial que consiste na energia sem deslocamento, um movimento ativo e estático de contração muscular isométrica. Estado liberado pela exteriorização e mudança de trajetória no espaço por contrações isotônicas. Modo sucessivo, modo simultâneo, simetrias e assimetrias. Amplitudes como pontos de apoio no espaço, entre as bases de pé, joelho, sentada, deitada, invertida, suspensa e combinada. Movimentos básicos do corpo que criam e recriam estados de consciência como possibilidades de desenvolver o gesto.

¹⁰ Escrita a partir do conceito do parâmetro Movimento, parâmetro de estudo do corpo, na Teoria Fundamentos da Dança, de Helenita Sá Earp (MOTTA, 2006).

RACHADURAS

Seu um corpo dentro de um mundo de corpos.
E os pés caminhavam q̃t̃o perdiam o ar, dançavam, se abraçavam
em distância silenciosa. O silêncio, às vezes, é feito de abroços. O ar que o
outro respirava quase se apressou. Meus pensamentos inalavam, meu corpo
gritava coisas que eu não sabia, parte do meu corpo refletia
o outro. O corpo entrava em outro ritmo, sentia rachaduras e
desconhecidos Medos e Hesitações em formas de respiração.
O que é língua-corpo? O corpo não é palavra que
se escreve, eu teria que dançar, corporizar a música dos
quadris. Deixa o movimento contar a história de
si mesmo. O corpo é antes de ser o que eu vou sentir.

ARTICULAR

O músculo contrai e contorce, buscando espaços articulares para preencher narrativas dissolvidas na inércia do mover. Lentas respirações de sopros de existência pulsando fractalidades de um corpo provisório. Fibras de tensionamentos que esgarçam em expansão e recolhimento de torções e espasmos que vibram camadas e arrepiam a derme em sensações e espacialidades. Membrana sinovial que lubrifica o articular movente e as cartilagens do entre em graus distintos de amplitude e mobilidade. Luxar, desarticular, sair do lugar. Percorrer territórios lisos e estriados para transcender aquilo que está dado.

TOCAR

Busque uma posição confortável e sinta como está o seu corpo desde a ponta dos pés até o topo da cabeça. Experimente as posições, sentado, deitado e de pé, e escolha a que te permita manipular o seu corpo. Use as mãos para percorrer cada parte com pequenas batidas. Perpasse todos os espaços que alcançar. Não tenha pressa. Alterne para um toque com mais pressão massageando e criando diferentes intensidades. Perceba pontos de tensão e desconforto. Demore o quanto achar necessário. Pause e observe as percepções e sensações no seu corpo.

Cada corpo pode captar a escrita em um nível de variação [...] uma devoração permanente [...]de] impressões que se deslocam [...] pois] tudo muda de lugar constantemente [...] o próprio corpo é produzido pela sensação [...] é um rastro do sentido [...] a própria] escrita se inscreve com o rastro de um corpo.

(RIBEIRO, 2018)

REGISTRAR

Praticar escritas corpo a corpo com os afetos vividos. Desenhar, demarcar e mapear fragmentos da porosidade do corpo. Escrita rizomática que permeia os modos de experimentação de uma escrita implicada. Imersa na capacidade de viajar em percursos vivos, materializar processos e construir presenças. Registros inscritos no corpo, dobrando e desdobrado tecidos e travessias. Subjetividades produzidas na sinuosidade dos desvios corporificadas em linhas, formas, esboços e palavras. Camadas misturadas, alteradas e enunciadas na pulsação encarnada. Escrita enquanto composição que mescla signos e marcas, dissolvendo imperativos e pontos de vistas.

Escrita enquanto dispositivo de narratividade atenta ao que escapa gerando movimento e ritmo aos encontros cíclicos e inacabados. A escrita em forma de diário expõe a própria produção, fala da experiência a partir da experiência registrada. Cada diário se torna um mapa móvel que rastreia um território habitado, que localiza um corpo no tempo e no espaço. Cada narrativa, cada corpo assim se enuncia em uma palavra que traça linhas e pousos de lugares de passagem percorridos e performados. Expressividades de autoinvenção dos rastros de reconhecimento criando e poetizando formas de percorrer, experimentar e habitar territorialidades.

DIÁRIOS ¹¹



¹¹ Páginas dos diários dos participantes das oficinas "Poéticas centradas no corpo". Os diários foram os materiais utilizados para a composição dos mapas que permeiam o trabalho. Para acessar o material disponibilizado em QR Code, basta posicionar a câmera do celular na imagem. O material também está disponível no link: <https://drive.google.com/drive/folders/1T-2ngTxTCJU1PBOfsYR5QLE73FwZZjm3?usp=sharing>

FLUIDO

A condução pelo toque fez o corpo ir as alturas. Ainda que ele trombe, a sensação do tato o faz retomar o caminho. Confiando, rindo e dançando, esboça reações de entrega e confiança. Estímulos que o fazem esquecer e recordar. Gestos de cuidado que acionam memórias táteis de retomada a lugares pouco explorados. Que memórias o corpo é capaz de reconhecer? Que desejos ele permite externalizar? Instintos de sobrevivência que evocam os limites impostos pela fúria do que está convencionado. Reflexos de olhares que desafiam e interrogam o corpo em seu estado de experiência. Que criam obstáculos e confrontam o inesperado. Sensação de liberdade? Dominâncias que se adaptam às intensidades vivenciadas. Mais pressão, menos pressão, ombros mais para frente, ombros mais para

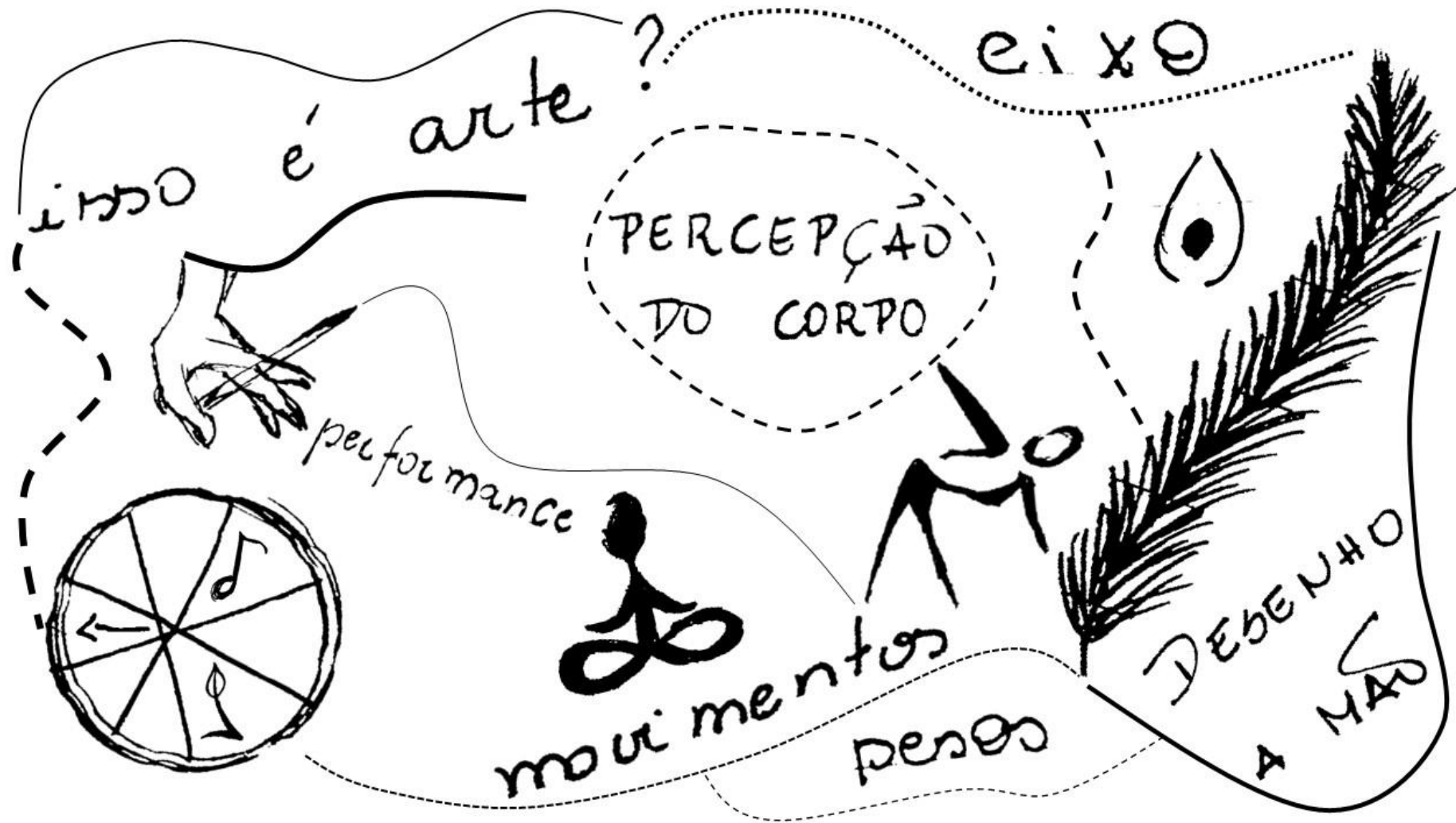
trás, cabeça que toca e não toca o chão. Mais tensão? Mais força? As mãos viradas para baixo e os polegares fora do chão. O quanto conhece de sua identidade? E percebe de suas constâncias? O lado esquerdo do corpo apoiado e os pés fora do chão. E se deixar cair? O que isso afeta? Sensação de retornar algo sem nunca o ter vivido. O medo de cair, o medo de falar. Arremessos de angústia e tranquilidade. A panturrilha treme, os joelhos rígidos. Que limites são desafiados? Texturas sobrepostas em estados de encontro da consciência. Os fluidos percorrem conexões de fluxos e ciclos constantes de aprendizagem. Comodidade de adentrar na aventura sobre corpos singulares que vão além das individualidades para construir outras coletividades.



EIXO

Cada corpo possui um eixo e sua maneira de se equilibrar. O peso separa e divide seus segmentos. Empurrar, segurar, tensionar e observar são possibilidades de encontrar o movimento do seu próprio corpo. E assim sua forma de se comunicar. Sem a palavra as experiências são outras. É um transitar pelas identidades que os corpos decidem desvelar. A interação acontece através daquilo que se expressa. Nascem performances narradas de uma natureza humana, marcada pelos cortes que expõe aquilo que convém manifestar. Como uma relação de artista e plateia, que coloca em questão a

permissividade e o consentimento de si e do outro. Isso pode ser arte? Ser levado e conduzido de dentro para fora desestabilizando seguranças e confortos. Por vezes é necessário sair do eixo e encontrar com o próprio corpo. Entender, perceber, enxergar, sentir, absorver e conectar relações de diálogo. É jogar e ser jogado, deixar fluir as densidades e levar o outro a mergulhar nas intensidades. As narrativas são desenhadas a mão em geometrias traçadas na experiência de interagir lado a lado. A vivência é multiplicada, o sujeito transformado e o corpo esgarçado.



[...] dar língua para afetos que pedem passagem.

(ROLNIK, 2006: 23)

CAMINHAR

Fique de pé. Perceba o apoio dos seus pés no contato com o chão. Feche os olhos e tente registrar a imagem das partes do seu pé que tocam o chão com maior intensidade. Sinta se o apoio é mais perceptível na parte da frente, na parte de trás ou em dos lados do seu pé. Tome um tempo nessa percepção. Aparece algum desconforto? Registre essa imagem e tente não modificar, apenas acolher o que se apresenta. Observe os espaços entre os dedos. Eles se tocam? Eles tocam o chão? Demore o tempo que precisar. E quando sentir que foi suficiente abra os seus olhos. Caminhe lentamente pelo espaço e tente perceber esses apoios no seu caminhar. Por onde você começa pisando? Pelo seu calcanhar ou pelo metatarso (frente dos pés)? Você coloca o peso na borda interna ou externa (dentro ou fora)? Repita a caminhada quantas vezes for necessário.

POÉTICA

Agir. Passar a ser e tornar-se outra coisa. Escapar a casualidade em acontecimentos e estados de presença. Emergência da linguagem em narrativas de um imaginário de ressignificações. Intervenção da realidade. Fazer criativo-crítico da experiência manifestadora da condição humana. Proposição de diálogos que confrontam, interrogam e permitem pôr-se em estado de obra de arte. Caminhada cíclica e contínua de presença de identidades e diferenças. Vigor da *poiésis* que opera nas questões. Sem desejo de respostas, mas como um mover-se e alargar-se na busca variacional de uma pluralidade que se manifesta.

PERFORMAR

Composições inventivas que criam cenas de expressividade. Instantes transitórios que ocupam e intervêm nos espaços. Jogo relacional de corpos disponíveis aos encontros e diálogos. Descobertas poéticas de itinerários de gestos e repertórios vividos e experienciados. Cruzamentos do habitar e recriar lugares de estranheza que afetam e se deixam afetar pelos

acontecimentos e pelas corporeidades. Deslocamentos que se constroem e se descontroem à medida que percorre camadas e sobrecamadas do corpo em percepções que se movem e se repetem. Direções incertas em um vai e vem de fazeres que se reformulam, se inventam e se reinventam. Experiências vivas que ecoam vozes plurais do processo de co-fazer e co-criar.

GESTO

Olhos nos Olhos. Apercebi-me como é possível falar com o corpo, a comunicar sem voz, a ouvir com os olhos. Deixar-nos guiar pela energia do nosso corpo e do corpo dos outros. Eletricidade. Sentir o sangue a passar, tocar e sentir áreas do meu corpo que estão tão muito apagadas. **Leveza.** Zonas que suportam o meu peso, suas posições e posturas. "Cadastrados sociais" a que estou presa todos os dias.

Nova liberdade. Que bom que é poder ouvir o meu corpo. De repente estamos em sintonia, há muitas outras formas de estar. Energia. Relevar os movimentos, gestos corporais e ouvir o corpo do outro. **DEIXAR-ME IR!** Ultrapassem o constrangimento do toque. Comunicar ainda mais pelo corpo.



¹² Performance "Sobrecorpos" no VI Seminário de Artes, Cultura e Linguagens como finalização do estágio docência da disciplina "Poéticas centradas no corpo" com estudantes de graduação em Artes da Universidade Federal de Juiz de Fora, no ano de 2019. Para acessar o material disponibilizado em QR Code, basta posicionar a câmera do celular na imagem. O material também está disponível no link abaixo:

https://drive.google.com/file/d/ln_fDEwwK2fcpORAsRW4tpgK89trAzIOv/view?usp=sharing

PRESENÇA ¹³

Estava presente, meu corpo estava presente, minha mente estava presente. De início, parecíamos perdidos. Sentimento de estarmos cada vez mais distantes do nosso corpo, vivendo em certa ausência nessa presença. Um constrangimento da exposição que nos colocava presos em uma tentativa de expressar algo que nem sei dizer. De onde vem esse constrangimento com o corpo? Essa dificuldade de colocar nosso corpo em relação com o corpo do outro? É evidente que todos nós estávamos muito distantes de nós mesmos. Vivemos um processo de resgate. Pouco a pouco, me fez conhecer mais do meu próprio corpo. Descobri lugares inexplorados e despertei a sensibilidade espacial de como este corpo se coloca nos espaços. A interação comigo, com o outro e com o ambiente me fizeram olhar de novo para a expressividade que acontece pelo estar em coletividade. Tem algo sobre respeitar o seu tempo e o tempo do outro. Perceber mais devagar não só o meu corpo, mas também as coisas que o cercam. Como

ele se comporta, como interage, seus costumes e ações involuntárias. E observar também as peculiaridades de cada um. A comunicar olho no olho, atentar ao gesto, modificar, conduzir e ser conduzido. Parei de racionalizar tanto e senti até mais liberdade de propor. Processo de certo destravamento que provocou reações em cada um de nós. Retornos, ritmos e conexões de uma maneira que ainda não conhecíamos. Chegamos ao ponto de podermos facilmente confiar nos movimentos do outro literalmente de olhos fechados. O contato físico de imediato gerava incomodo, mas permitiu alargar e desenvolver um diálogo melhor com o outro. Pude perceber meu processo criativo de outra forma, para além do que perpassa a atividade corporal. Fico com essa nova percepção de mim mesmo sabendo que o que fizemos ali já não existe mais. Aconteceu naquele tempo e espaço específicos e não podem ser revividos, mas permanecem e duram em cada um de nós.

¹³ Escrita a partir dos relatos de experiência dos estudantes de Artes da UFJF que vivenciaram a oficina em 2019.

BETTER DAY ¹⁴



¹⁴ Performance de finalização da oficina "Poéticas centradas no corpo" com estudantes Erasmus da Espanha, Eslováquia, Lituânia e Brasil durante o período da quarentena do COVID-19, na cidade do Porto-Portugal, entre março e maio de 2020. Para acessar o material disponibilizado em QR Code, basta posicionar a câmera do celular na imagem. O material também está disponível no link abaixo:

https://drive.google.com/drive/folders/153jF4-c0AV_WCS13lsbgTBMDaxMnFvMj?usp=sharing

QUARENTENA ¹⁵

Não estávamos seguros se iríamos gostar. Não sabíamos o que esperar. O convite veio de surpresa. Pois bem. Embarcamos na aventura. Em princípio era estranho, estávamos receosos e acanhados. A parte mais difícil era relaxar, ceder o corpo e tentar não controlar. Estranho principalmente tocar no corpo de alguém, confiar no outro e no corpo do outro. Foram etapas que pouco a pouco fomos nos acostumando e se tornaram mais leves e prazerosas. Experimentamos diferentes sensações que ofereceram possibilidades tanto de relaxarmos quanto de estarmos mais conscientes do quão completo é o nosso corpo. Nos fez perceber as partes que pouco usamos e as partes que usamos com maior frequência. Percebemos que tudo está conectado com o nosso corpo. Isso mudou positivamente a concepção que tínhamos de nosso próprio corpo. Atentamos para a percepção de que até os menores movimentos são capazes de ajudar a reduzir dores e desconfortos que nos acompanham diariamente. Nos sentimos mais flexíveis e energizados. Descobrimos a importância de tratarmos bem o nosso corpo, prestando a devida atenção e escutando-o mais. Toda semana descobríamos algo novo sobre nós mesmos. Nessa difícil situação frente ao Covid-19, estávamos

todos longe de nosso país e nossas casas. Muitas pessoas perderam o controle acerca de sua vida, sem saber o que esperar. Vivemos uma grande crise sanitária, econômica e emocional que abalou todos nós fortemente. Durante a quarentena, as atividades foram revigorantes e ajudaram a esvaziar o corpo de tanto estresse e tensão. Foi importante para nos fazer seguir e não focar apenas nas notícias ruins que nos rodeavam. A parte mais importante foi passarmos tempo uns com os outros, o que ajudou bastante a nos conhecermos melhor. Certos dias era difícil de sairmos da cama depois de passar o dia inteiro deitado, porém, a cada vez a disposição e o humor melhoravam após as experiências. Não podemos imaginar uma maneira melhor de passar a quarentena dentro de casa. O projeto nos ajudou a construir uma forte relação, pois tivemos o privilégio de estarmos em grupo e percebermos o outro com escuta e sensibilidade. Pudemos expor e sermos quem realmente somos, criando elos de confiança que foram possíveis a partir das proposições que vivemos. O que ficam são as sensações, os aprendizados e as memórias que levaremos de tudo isso que partilhamos juntos.

¹⁵ Escrita a partir dos relatos de experiência dos estudantes Erasmus que participaram da oficina no período de quarentena em 2020.



¹⁶ Performance de finalização da oficina "Poéticas centradas no corpo" com estudantes da Universidade do Porto, realizada no dia 25 de setembro de 2020 no espaço cultural "Casa Comum" como parte do evento aberto "As Poéticas do Corpo" na cidade do Porto-Portugal. Para acessar o material disponibilizado em QR Code, basta posicionar a câmera do celular na imagem. O material também está disponível no link abaixo:

<https://drive.google.com/file/d/1MG4XZQQIq4K0TrQiGsiLnBYlcqHoddF/view?usp=sharing>

DISTANCIAMENTO

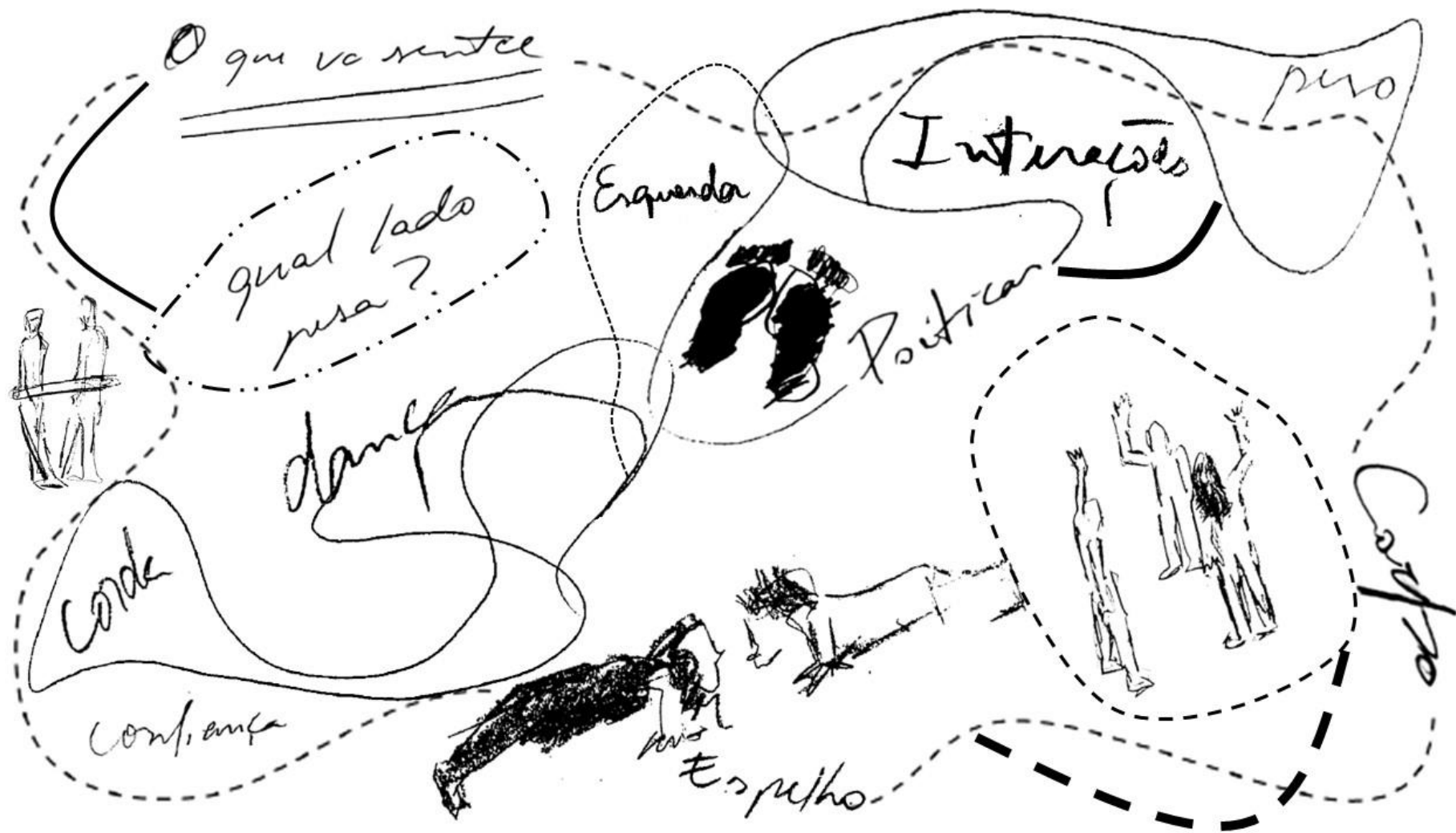
O que isso me desperta? Luz do sol em minha volta. Adentro. Há um corpo que dialoga. Corpos que dialogam. Faz tempo que não aprecio o silêncio. Faz tempo que não me doo dessa forma. Em tempos de pandemia, tudo isso é um ato de coragem. As máscaras interceptam meu olhar. Vejo, mas não vejo. Sinto que estou, mas não estou. Passeio entre os espaços. Os habito nas urgências. Sinto falta de contemplar. De ali apenas estar. Distanciamento. Não tocar. A falta que sentir o outro me faz. Mas sigo. É preciso seguir. Encontro caminhos para sobreviver. E

mergulho fundo. Sinto essa oportunidade de estar em coletivo como uma brecha de resistência. Tudo isso me alimenta. Sinto que não preciso caminhar só. Posso ir sem medo. Com menos dor. Meu corpo vibrou de tanto pulsar. Conectar com o meu próprio corpo fez terrenos alargar. Saio preenchida de cores. É certo que levamos muito mais do que trouxemos. Pacote de memórias desejoso de multiplicar. Estamos mais fortes. Estamos inteiros. Temos fôlego para continuar. E que ainda nos reste tempo para livremente nos movimentar.

PESO

O que você sente ao percorrer as camadas do seu corpo? Qual o peso que seu corpo exerce no espaço? Qual o lado que mais pesa? Direito? Esquerdo? Qual o lado dominante? O que pesa? Braços, ombros, pés. O peso das superfícies do corpo em contatos com o seu próprio corpo, com o espaço e com o corpo do outro. O peso do sentir, do tocar, do conectar, do confiar. Interações que deslocam e se dividem entre o ceder e o sustentar. O que você manipula mais? O que gera tensão e o que gera conforto? Espelhos que criam reflexos e diálogos de

encontros do todo e das partes. Definições da indefinição que emerge da confiança que se cria pouco a pouco nos corpos sentidos e manipulados. Corpos tomados por objetos de contato gerando sensações e diálogos. O toque macio da bola que percorre a superfície da pele. A tensão e o atrito da corda que roçam entre o limite e o limiar. Poéticas traçadas e trançadas em esboços gráficos de texturas que se criam ao ceder as dominâncias. Algo se constrói, algo se destrói, algo se reconstrói.



DESDOBRAR

Nesta dissertação não houve intenção de conceituar e definir o corpo, mas percorrê-lo como um território móvel e suscetível a desdobramentos e descontinuidades. Os percursos foram tentativas de mapear corpos que em estado de experiência produzem outros corpos, saberes e dobras na linguagem. Corpos como poéticas relacionais que borram seus limites e se reinventam a cada instante. A pesquisa procurou habitar os trajetos e trajetórias transitadas sem a pretensão de demarcar e delimitar pontos de chegada.

RESSOAR

Meu corpo não é o mesmo após vivenciar tantos desassossegos. Tantos encontros que me fizeram viajar em outras órbitas, me nutrindo de impulsos e desejos. Movi por muitos contornos, habitei lugares de passagem. Encontrei, desencontrei, aproximei, distanciei, ecoei e reverberei. Pulsações que invadiram travessias móveis, gerando fios possíveis para tecer as costuras aqui carimbadas. As dobras provocaram movimentos e intensidades de experimentar trajetórias. Meu corpo passeou por aqui e por lá. Permeou labirintos que confluíram em espaços expressivos para a escrita experimentar. Esbocei, rascunhei, desenhei,

bordei, performei e dancei. Transitei pelo entre, mergulhei em camadas, tateie superfícies. Escorreguei, levantei, e muito me dilatei. Criei linhas que se atravessaram, se entrelaçaram e rabiscaram composições possíveis de habitar esse mapa. Propus um espaço de cocriar, com a intenção de ressaltar dobras possíveis daquilo que se tece em coletivo. De encorajar corpos a construírem e desconstruírem narrativas por aquilo que ecoa em seus próprios corpos. E nesse pouso, deixar que os fios sejam conduzidos, reposicionados e transformados por vibrações outras, ressoando estados inéditos do corpo se experimentar.

TERRITÓRIOS PERCORRIDOS

ARAÚJO, Maria Luiza. Exercícios estéticos de ampliação de espaço e liberdade. Arte e Ensaio n.15, Rio de Janeiro. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais Escola de Belas Artes, UFRJ, 2007

BASBAUM, Ricardo. Sur, sur, sur, sur... como diagrama: mapa + marca. Revista Investigação n° 11, v. 1, p. 28-34, 2010.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2009.

CLARK, Lygia. Breviário sobre o corpo. Arte & Ensaios n.16, Rio de Janeiro, julho de 2008.

CUNHA E SILVA, Paulo. O lugar do corpo, elementos para uma cartografia fractal. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

DELEUZE, Gilles. F. Guattari. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. F. Guattari. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. DIÁLOGOS. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.

DIAS, Rosa. Nietzsche, vida como obra de arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. 36ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira Educação [online]. 2002, n. 19, pp.20-28.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. Educação e Realidade | n. 28 (2) | p. 101-115 | jul./dez. 2003

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

MOTTA, Maria Alice M. Teoria Fundamentos da Dança: uma abordagem epistemológica à luz da Teoria das Estranhezas. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte). Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

OLIVEIRA, Thiago. PARAÍSO, Marlucy. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. Pro-Posições | v. 23, n. 3 (69) | p. 159-178 | set./dez. 2012

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana (orgs.) Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RIBEIRO, Marcos. Superfície-tátil: corpo, gesto e formação. Tese de doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018. 149f.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. 2a edição. Porto Alegre: Sulina Editora UFRGS, 2011.

SKLIAR, Carlos. Desobedecer a linguagem: educar. Tradução Giane Lessa, led. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.